

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

# **“PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR?”**

**Antenor Garcia: Estudo de uma Periferia Interiorana**

**Milene Peixoto Ávila**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

# **“PERIFERIA É PERIFERIA EM QUALQUER LUGAR?”**

**Antenor Garcia: Estudo de uma Periferia Interiorana**

*Milene Peixoto Ávila*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura.

Orientador: Luiz Henrique de Toledo

São Carlos, 2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A958pp

Ávila, Milene Peixoto.

"Periferia é periferia em qualquer lugar?" Antenor Garcia:  
estudo de uma periferia interiorana / Ávila Milene Peixoto. --  
São Carlos : UFSCar, 2006.

112 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2006.

1. Antropologia urbana. 2. Periferia urbana. 3. Cidade de  
porte médio. 4. Pobreza. I. Título.

CDD: 307.76 (20ª)



BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

*Milene Peixoto Ávila*

06/04/2006

---

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo  
Orientador e Presidente

---

Profa. Dra. Norma Felicidade Lopes da Silva Valêncio  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

Prof. Dr. Heitor Frugoli Junior  
Universidade de São Paulo (USP)

Dedico este trabalho e agradeço aos moradores do bairro Antenor Garcia, pela ajuda na coleta de dados, na redação e na análise deste trabalho. Em especial à Dona das Neves e à sua família, pelos cafés e conversas carinhosas sobre o bairro e a vida.

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro, sem o qual não poderia concretizar minha pesquisa.

“Abancado à escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De sopetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei trêmulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!  
muito longe de mim,  
Na escuridão ativa da noite que caiu,  
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...”

**O Descobrimento**  
Mário de Andrade

**RESUMO:**

Esse trabalho pretende caracterizar uma periferia de cidade média, a qual denominei de Periferia Interiorana. A partir do estudo da forma como os moradores do bairro Antenor Garcia representam e simbolizam a relação estabelecida entre seu bairro, a região periférica Cidade Aracy e a cidade de São Carlos, procurei problematizar a noção de periferia, enquanto uma categoria de análise.

**PALAVRAS CHAVES:** Periferia, cidade média, periferia metropolitana, pobreza.

**ABSTRACT:**

This work intends to characterize the outskirts of a town which I named "countryside outskirts". Based on researches about the way Antenor Garcia's inhabitants represent and symbolize the relationship established between their neighborhood, the periphery of Cidade Aracy and City of Sao Carlos I focused on problems as for analysis category.

**KEY WORDS:** Periphery, countryside, poverty



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa Região Periférica Cidade Aracy .....	50
Figura 2 – Mapa dos bairros pertencentes à região Cidade Aracy .....	55
Figura 3 – Mapa do bairro Antenor Garcia.....	59

## SUMÁRIO

- Saindo da Universidade – uma breve introdução .....	09
---	----

### **PRIMEIRA PARTE: “O pobre vive de teimoso”**

- Capítulo 1 ou Algumas representações do pobre .....	13
- Capítulo 2: Periferia: mais que o lugar do pobre na cidade .....	25

### **SEGUNDA PARTE: “Cada macaco no seu galho”**

-Capítulo 3- Antenor Garcia: de vendedor de panelas a periferia?.....	42
-Capítulo 4 – “Ser ou não ser: eis a questão?” .....	62

<b>CONCLUSÃO: “É tudo farinha do mesmo saco” ? .....</b>	<b>85</b>
--	-----------

#### **Referências:**

Bibliográficas.....	93
Outras Fontes .....	99

#### **Anexos**

Poesias .....	103
Fotos .....	106

## Saindo da Universidade...

---

### Uma breve introdução

Meu primeiro contato com o bairro Antenor Garcia, ainda como estudante de graduação, foi bem diferente da clássica descrição apresentada no início do livro de Alba Zaluar (1985) sobre a sua entrada, um tanto conflituosa, na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Diferente da autora, não precisei conhecer nenhum morador ou pedir autorização para visitar o bairro. Também, por ser universitária, fazia pouco tempo que estava morando em São Carlos e não compartilhava (ainda?) das idéias de medo e repúdio comuns aos moradores da cidade. Meu olhar menos “contaminado” permitiu um começo de pesquisa relativamente tranquilo.

O convívio no bairro e as relações que pude estabelecer/observar entre os moradores me chamaram a atenção para uma realidade em muitos pontos diferentes do que eu estava acostumada a ler nos trabalhos acadêmicos. O fato de não encontrar, por exemplo, traços explícitos da presença do tráfico de drogas e da violência, ou de me deparar com casas feitas, em sua maioria, de alvenaria, com a presença de ruas asfaltadas e a ineficiente, porém existência, de equipamentos urbanos, apontavam para a necessidade de repensar a noção que eu fazia do que seria uma periferia.

A diferença também residia na maneira como os moradores se representavam e simbolizavam a relação estabelecida entre o bairro Antenor Garcia e a região periférica na qual está inserido, conhecida como Cidade Aracy<sup>1</sup>. As representações sobre o centro da cidade e os demais bairros de São Carlos também compunham um quadro de significações a respeito da cidade e do ‘Antenor’ muito particular, que precisei estudar para conhecer.

Essa presença de traços distintivos levou-me à tentativa de entendimento de um fenômeno diferente do já observado em bairros pobres das grandes cidades, o qual denominei de “periferia interiorana” em contraposição à “periferia metropolitana”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Refiro-me a toda a região da Cidade Aracy, que comporta, além dos bairros Cidade Aracy I e II, o Antenor Garcia e o Presidente Collor, num total estimado, no ano de 2000, de aproximadamente 15.962 pessoas. (Fonte: Censo IBGE 2000, setores 39 a 51)

<sup>2</sup> Estou recorrendo a essa terminologia generalizante para designar as localidades pobres que estão nas regiões metropolitanas ou em seus entornos.

Sustento, ao longo do texto, que a questão da periferia é algo complexo e heterogêneo, suscitando, por isso, a necessidade de se pensar em outros modelos de entendimento.

Essa idéia se torna mais clara à medida que admitimos que a periferia de uma cidade de menor porte e distante dos grandes centros, por várias razões, não se configura como mera reprodução das periferias metropolitanas, mas que, ao contrário, possui uma lógica própria, construída a partir de elementos e situações locais, com graus diferentes de contraste, permitindo identificar uma configuração simbólica a partir de outros elementos constitutivos. Essa particularidade não significa, no entanto, que elementos tradicionalmente vinculados à periferia metropolitana não estejam presentes na composição do Antenor Garcia e da região Aracy como um todo, mas que esses são aceitos e reformulados, conforme a lógica do sistema simbólico dos moradores. Esse, inclusive, é um dos pontos mais interessantes da análise, pois indica que a utilização de alguns termos e a presença de comportamentos comuns nas favelas e periferias das grandes cidades, tendem a variar, no Antenor Garcia, conforme gênero e geração.<sup>3</sup>

Ao conhecer a afirmação do rapper Gog (considerado ‘um nativo’) de que “periferia é periferia em qualquer lugar” e analisando as formas de representação que os moradores, em especial as donas de casas que tive mais acesso, faziam de seu bairro e da cidade de São Carlos, percebi a necessidade de relativização de uma definição de periferia pautada na homogeneidade de condições de vida e na presença de elementos identificáveis em qualquer lugar onde houver pobres. Essa politização do termo é usada de maneira estruturante por um grupo específico de morador - jovens ligados ao movimento hip hop - e compõe o discurso e ação do movimento hip hop brasileiro<sup>4</sup>. Mas, admitindo que a periferia é formada por um número variado de atores sociais e que em cada local, embora haja uma série de semelhanças nas condições de vida geradas pela situação de desigualdade, existe a formulação de uma maneira específica de entender e classificar o mundo, procuro levantar alguns questionamentos sobre a noção que a categoria periferia assumiu ao longo dos anos nos trabalhos acadêmicos brasileiros e, em certa medida, no pensamento senso comum.

---

<sup>3</sup> Procurei explorar essa idéia no 4º capítulo.

<sup>4</sup> O texto de GUASCO (2001) é exemplar para o entendimento do discurso do hip hop.

A periferia, no entanto, não se constitui como algo que se encerra em si mesma enquanto uma categoria de análise. Ela é, principalmente, formada por moradores que enfrentam, entre outras coisas, sérias dificuldades financeiras e de infra-estrutura, a violência e o preconceito por morarem nos bairros mais “mal falados” da cidade. Essas pessoas são, muitas vezes, os mais pobres da cidade e, por isso mesmo, habitam as regiões periféricas.

Tentei, no primeiro capítulo da dissertação, conhecer e discutir a questão da representação do pobre urbano (morador de habitações populares), fazendo uma revisão crítica sobre a forma como os pobres são apresentados em pesquisas das Ciências Sociais brasileiras. Embora isso seja prática comum entre as pesquisas sobre periferia, achei importante pensar as representações da pobreza em um contexto mais atual.

No capítulo 2 faço um levantamento sucinto sobre os vários significados que a categoria periferia assume em diferentes áreas de estudo, destacando, porém, as etnografias produzidas pela antropologia urbana.

Na segunda parte do texto, concentrei-me na descrição e análise empíricas do bairro Antenor Garcia, elaborando uma espécie de modelo de periferia: a periferia interiorana. Reconstitui, no 3º capítulo, a história de formação do bairro e, de certa maneira, da região Cidade Aracy, a fim de conhecer o processo de periferização da cidade de São Carlos.

Já no 4º capítulo apresento os principais elementos do que denominei sendo um sistema próprio de significação do bairro e da cidade como um todo. Acredito que haja, entre os moradores do Antenor Garcia, uma forma própria de representação do bairro e que é estendida, em alguns casos, aos bairros vizinhos e componentes da região Aracy. Também há uma visão bem particularizada do centro de São Carlos e dos demais bairros da cidade. Foi, pois, partindo da análise desse sistema de significação que procurei entender novos componentes para se pensar a categoria periferia.

Termino a dissertação com muitos questionamentos que não se limitam à discussão teórica do tema e do fazer acadêmico. Na verdade, mesmo concluindo parte do trabalho que iniciei há mais de três anos, tenho a certeza de que não consegui expor, completamente, a realidade experimentada pelas mulheres –mães, crianças, jovens e homens que eu conheci.

## **PRIMEIRA PARTE**

**“O pobre vive de teimoso”**

(Ditado Popular)

## ‘O buraco é mais embaixo’

---

### Capítulo 1 ou Algumas representações do pobre

*“Eu nasci na 6ª feira, dia 13 de agosto.  
Vim travessado no bico do urubu caioio  
Tô liso, lesado, louco  
Comprando fiado e pedindo troco.”*

**Mineiro**, morador do Antenor Garcia.

Quando perguntei ao Mineiro o que estava querendo dizer com os versos acima, feito entre uma roda e outra de amigos na rua 6 do Antenor Garcia, a resposta me espantou tanto pelo conteúdo, quanto pela forma espontânea que foi dita:

*“Porque a gente que é pobre não vem da cegonha que nem os ricos,  
vem no bico do urubu caioio, meio capengando, meio caindo, mas vem...”*

Não esperava ouvir esse tipo de análise de um morador do “bairro mais violento da cidade”<sup>5</sup>. Essa situação, além de revelar minha arrogância, pode ser usada como exemplo para entender vários aspectos da imagem que se criou no senso comum e acadêmico da pessoa pobre e moradora de regiões periféricas.

A fala, mais que beleza poética, mostra um conhecimento da realidade baseado na experiência de um homem migrante, doente<sup>6</sup> e morador de um barraco feito de “artesanato”, nome dado por ele para a auto-construção da casa com tábuas velhas, num bairro de periferia de São Carlos. Esse conhecimento – a “sabedoria” – foi sendo adquirido no decorrer dos anos e tem como base a experiência vivida em vários âmbitos da vida social. Mas, embora possa parecer óbvia a afirmação da inteligência e perspicácia do Mineiro, a esse tipo de conhecimento, na maioria das vezes, não foi dada a devida

---

<sup>5</sup> Refiro-me a comentários que sempre ouço na cidade quando falo que trabalho no bairro Antenor Garcia.

<sup>6</sup> Sr. Francisco, de 54 anos, sofreu um derrame há pouco mais de dois anos, ficando com o lado direito do corpo paralisado.

importância pelos variados estudiosos sobre o universo do pobre. Isso, no entanto, não significa dizer, como se acreditou por muito tempo, que esse tipo de reflexão crítica sobre a realidade não existisse entre os pobres, talvez possa, ao contrário, indicar muito mais uma limitação na maneira de se tratar essa questão por parte dos pesquisadores, do que uma limitação dos pesquisados.

### **“E pobres são como podres...”\***

Mesmo sendo, em certa medida, a intenção desse capítulo, preciso reconhecer, de início, que a dificuldade e a complexidade de se falar do pobre no Brasil<sup>7</sup> só não é maior do que o fato de o ser. A essas pessoas estão relegadas, na maioria das vezes, os piores lugares da cidade para se viver, baixos salários e precárias colocações no mercado de trabalho.

Um das primeiras e mais duradouras associações do pobre foi com a imagem de *vadio*, que se configurou por volta da segunda metade do século 19. Nesse período a sociedade brasileira estava passando pelo processo de libertação da escravatura e os negros já libertos começavam a formar uma nova categoria social: os pobres urbanos, os quais, em sua maioria, eram negros e desempregados, vivendo de trabalhos esporádicos ou de esmolas. Não cabe aqui discutir as condições em que se deu a libertação dos escravos, convém, no entanto, afirmar que não houve qualquer política de inserção dessas pessoas ao sistema de trabalho ou a possibilidade de aquisição de terras próprias. A conhecida “importação” do braço estrangeiro para as lavouras de café e para a ideologia do branqueamento do país é importante para se pensar no tipo de sociedade que se estava formando no Brasil Republicano.

Num belo artigo, Chalhoub (1990) afirma que é no momento em que a escravatura começa a ruir, enquanto um sistema de dominação e de definição de posições sociais rígidas, que o destino da grande massa de negros e pobres – que começam a tomar as ruas das principais cidades e a habitar os cortiços e as favelas – passa a ser uma preocupação para as elites. Nessa nova situação de desigualdade, o pobre urbano é identificado com o *vadio*<sup>8</sup>, com aquele que não trabalha porque não quer, porque não gosta ‘de pegar no

---

\* Trecho da música Haiti, de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

<sup>7</sup> Uso o termo pobre para me referir aos pobres urbanos.

<sup>8</sup> O uso do termo vadio também era corrente no Brasil Colônia para designar os homens livres (brancos) e pobres. (SOUZA, 1983)



batente’, sendo, assim, um viciado no ócio. Opunha-se a esse “mal pobre”, o “bom pobre”: trabalhador honesto que, com o ‘suor do rosto’ e com o ‘trabalho duro’ conseguia escapar da pobreza e de suas conseqüências.

Essas características moralizantes, atribuídas arbitrariamente e combinadas com vagas abstrações negativas, foram suficientes para se consolidar, no imaginário social da época, uma série de estigmas vinculados à figura dos negros e moradores de habitações populares, os quais, comporiam, por natureza, as *classes perigosas* e, por isso mesmo, precisariam ser controlados<sup>9</sup>. O problema da pobreza já não é mais entendido em termos individuais, como conseqüência da ausência de vontade para o trabalho, mas concebido em termos coletivos: pobres são grupos de perigosos, capazes de gerar a desordem e o contágio de epidemias às demais pessoas, cujo foco de aglomeração são os cortiços e habitações populares<sup>10</sup>.

A definição a partir de elementos negativos, no entanto, não é exclusiva dos jornais e discursos oficiais do começo do século, pode, inclusive, ser percebida, de uma maneira mais elaborada, em trabalhos acadêmicos, com destaque para os das Ciências Sociais brasileiras. De acordo com Sader e Paoli (1986), a primeira construção de representação sistemática e substantiva do pobre foi feita pelo pensamento político, ainda na Primeira República. Pautados na visão de uma sociedade fragmentada, autores como Oliveira Vianna, entendem o pobre como representante do *povo brasileiro*, mas que, por ter uma composição muito heterogênea e dispersa, é incapaz da formação de uma identidade singular e de uma organização coletiva eficaz.

Desde o começo da década de 60, houve um grande interesse, por diferentes áreas de conhecimentos, em pesquisar a realidade das *camadas menos favorecidas* da sociedade brasileira, possibilitando vários enfoques sobre a questão. A figura construída a partir da falta é, de alguma forma, reformulada nos trabalhos dessa época, os quais, para Sarti<sup>11</sup> (1996), se dividiam em duas vertentes: uns que identificavam os pobres, num primeiro

---

<sup>9</sup> A questão do combate ao pobre estava, inclusive, transcrita em um projeto de lei, na virada do século XIX, que visava a repressão à ociosidade (CHALHOUB, 1990).

<sup>10</sup> A ideologia higienista foi a base da destruição de vários cortiços no Rio de Janeiro no final de XIX e começo de XX e teve como conseqüência, entre tantas, a reforma urbana de Pereira Passos (RJ), de 1902 a 1906 e a Revolta da Vacina, em 1904.

<sup>11</sup> No capítulo 2 de seu livro, a autora apresenta uma importante revisão bibliográfica sobre os pobres.

momento, com as carências materiais que sofriam, transformando-as, automaticamente, em carências de bens culturais<sup>12</sup> e, mais recentemente, em carência de cidadania e direitos.

Uma outra vertente de análise – o paradigma da produção (1996:37) – centrava-se na situação do pobre enquanto formador da *classe trabalhadora*. Isso porque, para a Sociologia da década de 60, fortemente influenciada pelo modelo de análise marxista, a discussão sobre a imensa quantidade de pobres deveria ser entendida em termos de classe social, sendo o posicionamento na esfera de produção o definidor dos comportamentos sociais. O pobre, de perigoso em potencial, torna-se um sujeito político, agente principal das transformações sociais necessárias. Mas, contrariando aos postulados marxistas, o comportamento dos trabalhadores brasileiros não correspondia com o papel histórico assumido por outras classes operárias, como a inglesa, por exemplo. Notou-se um forte apego à família e aos valores e práticas tradicionais, os quais foram suficientes para “denunciar” os traços arcaicos dos pobres, em oposição ao espírito de modernização imperante no país da época.

Esses elementos indicavam uma ausência de identificação social entre os pobres urbanos e de uma política coletiva reivindicativa, além da incapacidade de organização mais autônoma dos movimentos sociais. As denúncias feitas pelos estudiosos das várias formas de exploração do trabalho e das péssimas condições de vida impostas aos trabalhadores e suas famílias não bastavam para impulsioná-los ao questionamento da posição ocupada no sistema produtivo, nem à conseqüente ação coletiva de mobilização.

Considerar o trabalhador como sujeito de sua história poderia representar um avanço nas teorizações sobre os pobres, se não se desse de maneira tão parcial e arbitrária. Os trabalhos realizados pareciam estar mais preocupados em responder a uma tendência muito em voga nas Ciências Sociais produzidas, em especial, na Europa, do que na análise mais aprofundada da questão social brasileira. É evidente que nossos estudiosos estavam diante de um outro contexto histórico e social do encontrado na Inglaterra e França, no final do século 19, mas, nem essa constatação foi capaz de evitar as comparações entre as distintas classes trabalhadoras e a conseqüente ‘falta de consciência’ de nossos

---

<sup>12</sup> Esses são, em linhas gerais, os postulados da teoria da *Cultura da Pobreza*, formulados na década de 60 por Oscar Lewis. Ver VALENTINE (1970).

trabalhadores. Formou-se, então, uma espécie de pensamento ambíguo sobre os pobres: esses, ao mesmo tempo em que comporiam a *classe operária*, possuindo um importante papel político, não tinham conhecimento disso. Se o pobre não tem noção da sua real condição de trabalhador, qual é o sentido então de defini-lo por esses termos?

Esse tipo de produção científica acabou por reafirmar, de alguma forma, a idéia muito difundida no senso-comum de que o pobre, em sua maioria, é ignorante. Falar que o pobre não tem consciência é, no mínimo, abusivo e etnocêntrico. Será que o morador da periferia de São Carlos, que precisa ir até o centro da cidade de bicicleta ou mesmo a pé porque “não tem dinheiro nem pro ônibus”, não tem conhecimento da sua situação de desigualdade? Ou, será que essa “ignorância” não está nos métodos e meios escolhidos para pesquisar um universo tão diferente daquele que o pesquisador está acostumado e que domina? Reconhecer que não há um projeto político, marcado pela visão classista e nos moldes do marxismo entre a maioria pobre, não significa negar a existência de outras formas de reivindicação e luta<sup>13</sup>.

Para Sarti (1996), um dos problemas em se pensar o pobre somente pelo viés econômico é a redução do espaço de formação da sua identidade e das suas formas de significação ao mundo do trabalho. Haveria, ao contrário, outros elementos que, combinados, comporiam a explicação e compreensão do mundo e do lugar ocupado na sociedade. O desconhecimento desses códigos levou, muitas vezes, a conclusões apressadas por parte dos cientistas sociais, os quais, não encontrando no comportamento dos trabalhadores brasileiros os pressupostos teóricos tradicionalmente vinculados à classe trabalhadora, facilmente resolveram a dificuldade classificando-os de atrasados e ignorantes.

À Antropologia coube a afirmação da existência de uma lógica de pensamento e de representação do mundo exclusivos das *camadas populares*. O pobre se tornou o “outro” a ser investigado e seu local de moradia pareceu ser o espaço mais adequado para a apreensão dos códigos e valores estruturantes desse modo de vida próprio. O cotidiano dos bairros pobres, a organização familiar e os laços de parentesco e vizinhança, as relações

---

<sup>13</sup>Um exemplo são as greves realizadas ao longo da década de 70. Também nesse período houve importantes movimentos de moradores de reivindicação de infra-estrutura para as áreas periféricas. Ver AFONSO & SOMARIBA & AFONSO (1984) para entender a questão em Belo Horizonte. Em PAOLI & SADER (1986) há informações importantes sobre os movimentos sociais de reivindicação. No Antenor Garcia, por volta do final dos anos 90, houve uma série de manifestações na frente da prefeitura por melhoria nos transportes públicos.

políticas e as concepções sobre a sociedade foram temas privilegiados pelo olhar do antropólogo, pois indicariam a possibilidade de um conhecimento mais amplo desse universo desconhecido.

A observação, então, deixa os limites da fábrica e dos sindicatos e torna-se mais direta<sup>14</sup>, implicando no adentramento do pesquisador não só nas casas dos moradores, mas também, e em certa medida, em sua forma de ver e entender o mundo, dentro e fora dos limites do bairro. Sentar no sofá e tomar um café, observar a mulher no seu fazer doméstico, ouvir as reclamações da vida e os sonhos, tomar cerveja no bar da esquina e ter contato com algumas regras de convivência foram métodos utilizados para diminuir a distância existente entre o mundo do pesquisador e seu “objeto” de interesse. Essa entrada, no entanto, nem sempre foi tranqüila e exigiu do pesquisador uma reavaliação de seus valores e da postura a seguir em campo, pois o contato com a alteridade, com o diferente permite, ou deveria permitir, uma reflexão sobre seu próprio universo de significação.

Nesse caso em específico, o trabalho de campo colocou o pesquisador diante de uma realidade complexa, permeada, entre outros, pela violência física e simbólica, pelos efeitos da pobreza e por uma sociabilidade local muito particular. Os moradores, talvez em menor grau, também se depararam com uma figura nitidamente diferente caminhando pelas ruas dos bairros, perguntando, anotando as coisas mais diversas, muitas vezes sem o conhecimento exato de suas atividades pelos moradores. Esse processo de reconhecimento das diferenças é muito significativo porque proporciona um contato, ainda que efêmero, entre modos de viver e de conceber o mundo distintos e talvez possibilite um diálogo mais intenso entre ambos os lados<sup>15</sup>.

A novidade desses estudos foi o deslocamento do ponto de vista do cientista para o do próprio pobre na definição do que seria a dinâmica de classes da sociedade brasileira. Com pesquisas que privilegiavam o contexto em que as situações se davam, foi possível questionar alguns elementos vinculados à imagem do pobre, frutos, muito mais de conceitualizações apressadas, do que de uma análise mais aprofundada das questões. Ruth

---

<sup>14</sup> Na Sociologia, depois de 1968, surge uma nova e importante corrente, ainda influenciada pelo marxismo, que passa a considerar o cotidiano desses trabalhadores como um espaço de luta, onde se produz a dominação, mas também onde surge a resistência. Ver PAOLI & SADER (1986)

<sup>15</sup> Uma demonstração da possibilidade de se estabelecer esse diálogo entre o discurso acadêmico e a fala do “homem comum” é o trabalho conjunto do rapper MV BILL, do produtor musical Celso Athayde e do antropólogo Luiz Eduardo Soares. O livro *Cabeça de Porco* (2005) é muito importante, entre outras coisas, porque nega o monopólio da palavra ao pesquisador e iguala os discursos em sua potencialidade.

Cardoso, em um artigo de 1978, procura combater a idéia muito difundida no pensamento político de que as *classes menos favorecidas* seriam dotadas de um forte conformismo e passividade com a situação de desigualdade experimentada. Essas atitudes “atrasadas” resultariam da permanência de características do mundo rural, em detrimento ao mundo urbano moderno<sup>16</sup>. À autora, ao contrário, os moradores de uma favela de São Paulo apresentam um quadro dinâmico de representações da sociedade, o qual permite, de um lado, uma oposição rígida entre ricos e pobres e, de outro, o manuseio de posições intermediárias – como o papel atribuído ao governo – que são relacionais e, dependendo do contexto, manipuladas. Para Cardoso é a experiência de vida que mostra a esses moradores que é preciso combinar diferentes graus de participação e exclusão política e de acesso à propriedade para descrever as diferenças de modo de vida da sociedade moderna (*op. cit.* p. 40). O reconhecimento de uma hierarquia social complexa, conclui a autora, é importante não só para distinguir os grupos dominantes, mas também para marcar as diferenças existentes entre os que vivem em condições de vida semelhantes.

De classe perigosa à classe operária, o pobre já foi visto como alguém que se deva temer ou esperar mudanças sociais. Também já foi sinônimo de vadio e, mais recentemente, é igualado a marginais e traficantes de drogas. No entanto, quando os antropólogos vão até seu local de moradia, em bairros de periferia e favelas, e perguntam sobre a forma como se vêem, os moradores, em geral, oscilam entre os termos “trabalhador” e “pobre” para se referirem a si mesmos e aos vizinhos. O uso da palavra “trabalhador”, dentro desse contexto, assume um significado muito diferente do apontado pelos estudiosos da *classe operária*, porque é carregado de valor moral e distintivo: trabalhador é todo homem honesto que optou pelo trabalho e não pelo mundo do crime. Para Zaluar (1985, p. 34) a categoria de auto-identificação “trabalhador pobre” toma como referência uma certa homogeneidade nas condições de vida, dividida na convivência dos bairros pobres e reinventada nos diferentes arranjos e símbolos. É, pois, o fato de vivenciar situações de limitação de renda que permite reconhecer os parentes e vizinhos como iguais, em oposição às outras pessoas que não passam por dificuldades semelhantes.

Mas essa homogeneidade de condições de vida é apenas um dos elementos que compõem o complexo sistema classificatório. A pobreza, como afirma Cardoso (1978), não é suficiente para caracterizar a posição de inferior na sociedade porque é apenas uma das

---

<sup>16</sup> Eunice Durhan, num trabalho anterior (1973), já havia mostrado a incongruência da associação automática dos novos pobres urbanos, na sua maioria migrantes do campo, com a permanência de práticas tradicionais na cidade.

suas dimensões. Caldeira (1984) também chama a atenção para a dificuldade de se comparar a categoria pobre, uma vez que o emprego do termo varia de sentido e depende do contexto em que ele aparece. Assim, para pensar a sociedade brasileira, a oposição *rico x pobre* aparece como central nos discursos dos moradores de periferia de São Paulo, pois designa a existência de grupos antagônicos e intransponíveis, mas não permite demarcar posições sociais dentro de grupos iguais, fato que explica o uso complementar de outras oposições, tais como *forte x fraco*, referindo-se a grupos distintos e *trabalhador x bandido*, *pobre x pobre mesmo*<sup>17</sup> para gerar diferenciações dentro do grupo dos pobres. Essas gradações demonstram que a maneira de atribuição de significados a grupos distintos é rígida, enquanto que entre grupos iguais, as diferenças se estabelecem de modo mais maleável e múltiplo (op. cit., p. 166)<sup>18</sup>.

O discurso sobre si mesmo pode variar de acordo com o contexto em que foi proferido, mas também de geração para geração. Isso porque não há um sistema de valores fixos e uno entre as populações pobres, a idéia, por exemplo, de que o trabalho confere um grande valor moral ao trabalhador, conforme demonstrou Zaluar (1985 e 1996), não se reproduz numa parcela expressiva de jovens envolvidos no tráfico de drogas. Para esses garotos, o trabalhador é um otário, pois se submete a uma exaustiva rotina de trabalho, por uma quantia ínfima no final do mês. Há, pois, uma reformulação dos valores imperantes entre os jovens, em muito distintos dos apresentados pelos pais de família. Também entre os jovens envolvidos com o movimento hip hop os termos que melhor expressam a condição de morador de periferia são os relacionados com a luta pela sobrevivência e com a conscientização da questão social e racial. Assim, dentro dessa lógica, o uso de termo como *guerreiro*, *irmão* e *boy*, entre outros, assume significados específicos e importantes para entender a forma como a sociedade é concebida.

---

<sup>17</sup> A expressão *pobre mesmo* aparece para classificar os mendigos, que não têm uma casa para morar.

<sup>18</sup> Para um estudo mais apurado do sistema de classificação dos pobres, ver capítulo 4, Caldeira (1984). O texto de Cardoso (1978) também apresenta alguns elementos. Duarte (1986) discute um outro modelo de classificação, baseado em um sistema hierárquico.

## **“Pobre, porém limpinho!” \***

A tentativa inicial de entender os pobres de maneira homogênea, como um grande conjunto de pessoas desprovidas de complexidade e virtudes – o *povão* – cujo maior traço distintivo seria a ignorância, foi substituída pela comprovação de que o universo do pobre, bem como suas várias formas de significação, são mais amplos e diversificados do que se supunha. Para os estudos antropológicos, o pobre aparece como uma categoria de análise heterogênea quanto aos bens culturais, tais como a religião, as formas de inserção no mercado de trabalho, práticas culturais, valores; mas que mantém, entre si, e isso é muito importante para o desenvolvimento de um sistema simbólico próprio, uma relação de homogeneidade, de igualdade, no que diz respeito às dificuldades financeiras enfrentadas. Essa mudança de perspectiva permitiu o questionamento de vários elementos que pareciam estar tradicionalmente vinculados à imagem do pobre: Zaluar, em 1985, procurou analisar as várias formas de associação entre moradores da favela Cidade de Deus, refutando a concepção de que, no Brasil, somente as pessoas dos extratos sociais mais baixos manteriam relações clientelistas / paternalistas com o Estado e com as classes dominantes; Magnani (1984), a partir de estudos feitos em bairros de periferia da grande São Paulo, apreendeu diversas formas de lazer criadas pelos moradores, negando a idéia de que nos bairros mais afastados da cidade, o lazer não seja, de forma alguma, experimentado. Sarti (1996) nega a noção de família como reprodutora de práticas tradicionais ou da força de trabalho, demonstrando, ao contrário, o papel dinâmico da organização familiar no sistema de valores.

Mas o fato de considerar as representações que os pobres fazem de si e da sociedade não impediu que nos trabalhos antropológicos a imagem do pobre fosse construída por contrastes (Sarti, 1996), seguidas, muitas vezes, por análises etnocêntricas. Durhan (1980), ao discutir o papel da família na vida dos trabalhadores, consciência de classe e ideologia, afirma que a família tem uma grande importância na elaboração de representações sobre o mundo, porque, em geral, essas pessoas têm pouco acesso a informações sobre a natureza das forças sociais, pois:

---

\* Expressão popular.

“para a maioria dos operários, o pouco ensino formal que obtiveram, completamente divorciado de sua vivência concreta, não é capaz de fornecer parâmetros que permitam uma interpretação da sociedade em termos de sua experiência de vida. A escola brasileira sequer habilita a população operária para utilizar com alguma eficiência as fontes escritas, excluindo-a assim da cultura erudita e científica e *impedindo-a de desenvolver uma literatura própria.*” (grifo meu, DURHAN, 1980, p.210)

A autora, embora elabore uma significativa crítica ao sistema de ensino brasileiro que, de fato, não prepara como deveria seus estudantes, baseia seus argumentos, novamente, em uma *falta* da população pobre. Isto é, mesmo admitindo que o que os moradores têm a dizer é importante e deve, portanto, ser considerado em um trabalho científico, Durham não concede a eles a capacidade de inventar um modo próprio e legítimo de contar as suas histórias e fazer suas próprias análises. O mais interessante é que, em 1960, Carolina Maria de Jesus publicou seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, contando, de forma inteligente e poética, o cotidiano de uma mulher, negra, pobre, mãe solteira e favelada. Seus livros<sup>19</sup> são textos essenciais para estudiosos de populações pobres, sendo a autora considerada um dos marcos da Literatura Marginal que, aliás, é atualmente uma das maiores fontes de expressão dos moradores de favelas e periferias brasileiras.

Além do perigo de se produzir estudos que, em algum ponto, demonstram o etnocentrismo do autor e exotizam o objeto, um dos grandes problemas das pesquisas feitas com populações pobres é praticamente a ausência da discussão sobre a questão racial. É mais que notável que nos bairros pobres há uma grande maioria de moradores negros e descendentes afro-brasileiros, mas que não parecem visíveis nos trabalhos antropológicos sobre periferia. Também em minha pesquisa me deparei com esta questão, mas, embora admita a necessidade de se considerar a relação raça/pobreza, não me aprofundo nessa discussão como deveria.

Alba Zaluar (1996), em um de seus trabalhos mais recentes sobre violência e marginalidade, chama a atenção para a constante estigmatização da imagem do pobre. Se no período republicano, com graves problemas de epidemias, o morador de cortiços era o responsável pela contaminação das demais pessoas da cidade; atualmente, moradores de

---

<sup>19</sup> Para uma visão do universo do pobre, ver *Diário de Bitita*, 1986.



periferias e favelas são associados a marginais, traficantes de drogas e criminosos que perturbam a paz das grandes cidades. Para Soares (2005) os pobres e negros, enquanto pessoas e cidadãos, são invisíveis perante o olhar da sociedade. A *invisibilidade social* não permite que a identidade e os problemas enfrentados em decorrência das dificuldades financeiras sejam observados como uma questão social a ser pensada. A única visibilidade concedida é aquela ligada à criminalidade.

## **“Pobre é tudo igual” Uma conclusão** ?

Das várias maneiras expostas para compreender a questão da existência de muitas pessoas moradoras de locais periféricos, optei pelo termo *pobre*. Uma das razões foi porque quando conversava com as pessoas da “vila”,<sup>20</sup> sobre como estava cara a passagem do ônibus, ou sobre o governo do Lula, várias vezes acabávamos falando a respeito das dificuldades de ser pobre. Nunca ouvi outra palavra, se não pobre para designar a condição em que se vivia ou a de algum conhecido. Os moradores expressam a sua noção de pobreza nos comentários diários de que “não podem comprar tal coisa porque o dinheiro não dá”, ou que “fulano está em uma situação melhor do que outros vizinhos porque tem uma casa mais mobiliada”. A pobreza, no entanto, é uma categoria relativa, com vários eixos de classificação, sendo a questão econômica apenas uma dessas dimensões.

Outro motivo que talvez justifique o uso da palavra pobre para me referir aos moradores de favelas e periferias foi porque não achei outra que representasse melhor a atual situação vivenciada por essas pessoas. Como pensar essa questão em 2006? Não posso mais designá-las como a classe trabalhadora do Brasil, simplesmente porque estamos diante de um ‘povo’ em muitos pontos diferentes dos pesquisados nas décadas de 60, 70 e 80. Hoje não se fala em emprego formal, com carteira assinada e todos os benefícios garantidos por lei, pois, cada vez mais, o que se tem como ‘meio de ganhar a vida’ é o trabalho informal ou o setor de serviços, sem laços empregatícios.

A discussão também não pode ser apresentada em termos de marginalidade. A antiga discussão sobre a situação de marginalizados e/ou integrados na sociedade parece estar bem ultrapassada quando observamos, por exemplo, as relações tecidas entre os locais

---

<sup>20</sup> Os moradores do Antenor Garcia, quando falam do bairro, usam a palavra vila.

periféricos e os bairros classe média/alta próximos<sup>21</sup>.

O pobre e seu local de moradia também mudaram e não têm as mesmas características dos pesquisados no fim de década de 70 e começo de 80. Mas, apesar das mudanças, a situação de desigualdade social ainda permanece e pobre é o termo utilizado para se referirem a si mesmos. Acredito que não é aceitando o “termo nativo” como categoria de análise que corrirei o risco de cair, no tão temido *conto do nativo*. Procuo entender um pouco melhor essas pessoas que são diversas por vários motivos, pois não há o pobre brasileiro, mas vários pobres, com diferentes concepções de vida, distintos valores e práticas culturais, mas com pontos em comum.

Talvez a conclusão mais consistente seja a afirmação de que os pobres não são iguais, embora tenham uma série de características semelhantes. É um grande desrespeito, por parte do pesquisador, relegar as várias fissuras, as nuances, as diferenças existentes de uma região pra outra a um segundo plano, em nome da busca ‘do pobre’, da formulação de um conceito e de uma explicação coerentes. É preciso muito cuidado ao se trabalhar e analisar essas populações para evitar a produção de generalizações que, na maioria das vezes, contribuem mais para afirmar a estigmatização dessas pessoas, do que para um conhecimento mais amplo sobre esse universo. Ouvir, perguntar sobre os mais diversos assuntos aos moradores do Antenor Garcia, pesquisar em livros e refletir sobre o material foi um dos meios que encontrei para tentar entender melhor como vive o pobre morador de uma periferia de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

---

<sup>21</sup> No texto de D’Andrea (2002) o autor apresenta as redes sociais existentes entre a favela Paraisópolis e os moradores do bairro vizinho, o Morumbi.

## 'A esperança é a última que morre'

---

### Capítulo 2 Periferia: mais que o lugar do pobre na cidade

*“Quando estou na cidade tenho a impressão que  
estou na sala de visita com seus lustres de cristais,  
seus tapetes de viludos, almofadas de sitim.  
E quando estou na favela tenho a impressão  
que sou um objeto fora de uso, digno  
de estar no quarto de despejo.  
(...) A cidade é a sala de visitas e a favela é o  
quarto de despejo.” (1960, p. 35)*

**Carolina Maria de Jesus**, moradora na década de 50 da extinta favela do Canindé, em São Paulo.

As diferentes formas de moradia dos pobres urbanos e a maneira como esses vivem na cidade são assuntos de pesquisas de variadas áreas. Termos como *favela*, *cortiço*, *periferia*, ou mesmo as palavras *gueto* e *subúrbio*, vez ou outra, são usados pra designar o lugar de moradia dos pobres da cidade, tanto pela literatura acadêmica, quanto pelo pensamento senso comum. Mas, embora pareçam significar a mesma coisa, há, entre os diversos modos de habitação popular, expressivas diferenças que variam desde o processo de formação e desenvolvimento desses locais – numa perspectiva mais histórica – até a forma de significação atribuída pelos seus moradores<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Não cabe, nos limites desta dissertação, fazer uma diferenciação minuciosa sobre esta questão, mas é importante, pelo menos, enunciar a existência de distinção entre os termos.

**“Uma coisa é uma coisa,  
outra coisa é outra coisa”**

Desde meados da década de 70 a questão habitacional vindo sendo tema de estudos de sociólogos, planejadores urbanos e arquitetos brasileiros. A partir desses trabalhos foi possível conhecer o processo de formação das periferias/favelas e de modernização das grandes cidades.

Preocupado com o processo de segregação espacial da cidade de São Paulo, Lúcio Kowarick (1993), demonstra a intrínseca relação entre a especulação imobiliária e a definição do espaço urbano. A partir da década de 50, com o surgimento de lotes periféricos, em São Paulo, e com o processo de favelização acelerado no Rio de Janeiro, há a consolidação da expulsão dos mais pobres para áreas muito distantes do centro<sup>23</sup>, em muitos casos ilegais e sem a infra-estrutura necessária, configurando o que o autor chamou de *espoliação urbana*<sup>24</sup>. Outro elemento que contribuiu para a formação desses “espaços periféricos” na cidade foi a compressão constante dos salários dos trabalhadores, em especial durante o *milagre econômico*, e os encargos com a implementação da infra-estrutura mínima, incluindo a auto-construção da casa própria e os gastos com transportes.

Dentro dessa perspectiva, a favela e a periferia são diferentes umas das outras. A favela é entendida como sendo para muitos moradores, o último refúgio, a única forma encontrada para se sobreviver na cidade (op. cit., p. 86). Esses moradores, pela

---

<sup>23</sup> Há estudos que datam do final do século 19 a existência de expulsões, pelo poder público, dos mais pobres das áreas centrais das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. VALLADARES (2000) e CHALBOUCH (1990).

<sup>24</sup> A *espoliação urbana*: “é o somatório de extorsões que se operam através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, apresentados como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência e que agudizam ainda mais a dilapidação realizada no âmbito do trabalho.” (KOWARICK, p. 62, 1993)

precariedade no mercado de trabalho em que vivem, são considerados “pau pra toda obra” e, na sua maioria, vivem de trabalhos informais. Valladares (2000), em um artigo sobre a gênese da favela carioca, salienta a precariedade tanto das condições de vida dos favelados, quanto o caráter ilegal das construções dos barracos. As favelas surgem, no Rio de Janeiro, de invasões de terras públicas e de terceiros e seu caráter de ilegalidade e marginalidade suscita, desde o começo do século 20, uma série de intervenções, que vão desde a destruição dos barracos, passando por remoções, até ao atual processo de urbanização<sup>25</sup>.

Assim, enquanto a formação das favelas resulta da invasão de terras, em geral, próximas ao local de trabalho, com a presença de barracos feitos de madeira e zinco e mal organizados, a periferia se caracteriza pela venda de lotes, com parcelas razoáveis e duradouras, distantes do centro da cidade e dos locais de trabalho. Esses lugares, conforme dito, desde a década de 30, estavam localizados em áreas distantes do centro da cidade e foram comercializados sem nenhum equipamento urbano, muitas vezes de maneira irregular, cabendo ao morador a auto-construção da casa própria e as despesas com o transporte e infra-estrutura. A periferia, nestes termos, seria o local de moradia dos trabalhadores que possuíam algum poder aquisitivo para investir no sonho da casa própria, sendo esse processo definido pela ação da especulação imobiliária e pelo descaso do poder público<sup>26</sup>.

Em minha pesquisa de campo, no entanto, observei que pensar essas diferenças apenas em termos de processos de formação e de configuração do espaço físico distintos,

---

<sup>25</sup> Em seu livro *Passa-se uma casa* (1980), Lícia Valladares apresenta o processo de remoção das favelas no Rio de Janeiro entre os anos de 1964 e 1973. Também em um artigo mais recente, Silva (2002) discute as limitações do Programa *Favela Bairro*, implantado atualmente pela prefeitura do Rio de Janeiro. O músico e compositor Adoniran Barbosa retratou em várias canções as condições de vida na favela Sobre a demolição, ouvir *Despejo na favela* (1975), *Saudosa maloca* (1955).

<sup>26</sup> Para mais informações, consultar MARICATO (1982).

ou do poder aquisitivo da população não era suficiente. A diferença também está no plano simbólico. Isso porque, para as donas de casas do bairro Antenor Garcia, a palavra favela remetia a uma série de símbolos negativos, com os quais elas não se identificavam e procuravam não relacionar, “de jeito nenhum”, com seu local de moradia. Favela, pra muitos moradores mais velhos<sup>27</sup> do Antenor Garcia, aparece ora como algo distante, marcado pela violência e pelo tráfico de drogas, ora como um lugar de miséria e dificuldades<sup>28</sup>.

Para Sarti (1996) a emergência do “morador de periferia” como uma categoria que define o pobre, além de ser distinta do favelado, redefine este termo. Assim, o “favelado” passou a ser o “mais pobre” do que o pobre/morador de periferia, “constituindo uma importante referência para a diferenciação interna” na localidade (p. 30), sendo a favela definida como “o pior lugar da cidade” (op. cit)<sup>29</sup>. Também Fonseca (2000) demonstra que num bairro de periferia da cidade de Porto Alegre o tipo de moradia confere status entre os moradores do bairro e da favela próxima. Esses últimos são classificados como os mais pobres e são estigmatizados pelos moradores do bairro, fato que também se observa no já citado trabalho de Caldeira (1984)<sup>30</sup>.

Já o *cortiço* é descrito pela literatura sociológica como sendo pequenos cômodos, mal ventilados, ocupados por muitas pessoas e marcado pela promiscuidade. É uma das modalidades de habitação mais antigas e está ligada, na cidade de São Paulo, ao processo

---

<sup>27</sup> Refiro-me aos moradores adultos, pois entre os jovens essa idéia de favela não se verifica de maneira uniforme.

<sup>28</sup> A palavra periferia também suscitava comentários negativos. Ver capítulo 4.

<sup>29</sup> Ouro elemento diferenciador, segundo Sarti, é a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisados. Na favela essa relação, talvez pelo constante medo de despejo dos moradores, é mais tensa e desconfiada. (p. 33)

<sup>30</sup> Alvito mostra que também entre os favelados há um sistema de classificação e diferenciação entre as favelas. Assim, enquanto para a polícia e poder público do Rio de Janeiro há o Complexo do Acari, para os moradores há três favelas distintas entre si. Ver *As Cores de Acari: uma favela carioca* (2001)

de industrialização (KOWARICK, 1994, p. 73). No começo do século 20 era comum em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo a presença de várias casas de aluguel, divididas em muitos cubículos, caracterizando o local de moradia dos trabalhadores até a década de 50. Estavam situadas em regiões centrais ou perto dos locais de trabalho. Atualmente há muitos cortiços na cidade de São Paulo, localizados em áreas degradadas do centro antigo.

É assim que, apesar de fazer uso de um extenso material sobre favelas, periferias e, em menor proporção, de cortiços das grandes cidades, acredito que cada termo expressa realidades distintas tanto na composição física do local de moradia, como nas representações no imaginário social<sup>31</sup>. Focalizei minha análise num tipo específico de moradia – a periferia – mas parto da idéia de que há importantes pontos de intersecção entre os demais locais, os quais são interessantes para a discussão sobre periferia.

Numa coletânea de artigos, intitulada de “Periferia Revisitada”<sup>32</sup>, Marques e Bichir (2001), comentando sobre a produção acadêmica nos anos 70 sobre o tema, afirmam que esses estudos:

“mobilizaram mecanismos estruturais e/ou de natureza econômica para explicar a conformação da cidade e as políticas estatais, seja ligando-as ao modo de produção, em sua versão influenciada pelo marxismo estruturalista francês, seja associando-as ao comportamento econômico de agentes sociais.” (op. cit., p. 11)

Já nos anos 80, há um certo abandono de explicações macro-estruturais e surge o interesse pelo o que ocorria num nível micro da vida social. É, pois, dentro dessa nova tendência que são produzidas várias etnografias sobre as favelas e periferias das cidades

---

<sup>32</sup> O artigo citado está na revista *Espaço & Debate*, uma publicação do Núcleo de Estudos regionais e Urbanos – NERU. Esse núcleo tem produzido importantes estudos sobre a periferia nos anos 2000.

grandes como Rio de Janeiro e São Paulo e, em menor proporção, Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador.

Os antropólogos procuravam conhecer a forma como os moradores viviam e significavam essa realidade, muitas vezes denunciada pelos sociólogos como sendo de profunda exploração e desigualdade<sup>33</sup>. Através do conhecimento do cotidiano desses “moradores periféricos” podia-se conhecer os valores compartilhados, a construção de identidades e, principalmente, a relação com as instituições. Acredito que esses estudos permitiram montar um quadro de explicação sobre um tipo específico de periferia:

### **A periferia metropolitana**

Na busca de valores próprios dos moradores da periferia, o ambiente familiar foi considerado como um importante tema de investigação. No final da década de 70, a família era entendida tanto como peça fundamental para a reprodução das relações capitalistas de exploração do trabalhador, como unidade de consumo. Segundo Carmen Cinira (1979), a família é vista como um meio, através do qual pode-se apreender como a situação operária está sendo vivida e avaliada pelos operários (op. cit., p.02)<sup>34</sup>.

Em sua pesquisa em um bairro da periferia de Salvador, Woortmann (1987) chama a atenção para a família enquanto um domínio próprio, construído pelas mulheres pobres. Seria um outro mundo, sagrado, onde as mulheres são personagens centrais. Essa

---

<sup>33</sup> Além dos autores mencionados, Vera Lúcia Telles, Maria Célia Paoli, também são referências para esse tipo de análise.

<sup>34</sup> Os estudos ‘tradicionais’ sobre família centram-se na família operária e nas *estratégias de sobrevivência* desenvolvidas. Também era comum a abordagem da mulher como chefe de família e de famílias matrifocais. Sobre família, procurar BILAC (1979), DURHAM (1980) e SARTI (1996)



concepção de família, no entanto, foge do padrão tradicional, composto por esposa/marido e filhos, pois é

“um modelo flexível que permite a realização de diferentes soluções contingentes relacionadas à ‘qualidade de vida’ de uma *situação de classe* e ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.” (op. cit., p. 61, grifo meu.)

Cláudia Fonseca (2000) também verificou a importância que a mulher assume nas redes de parentesco ‘do pobre’. Através do estudo da estrutura familiar dos moradores da Vila do Cachorro Sentado, periferia de Porto Alegre, a autora pôde apreender um sistema de parentesco e de definição de papéis sexuais, considerados próprios desses moradores. Esse sistema seria matrifocal e baseado na circulação de homens e crianças, no qual a mulher, apesar de ter um papel social definido basicamente em virtude da maternidade, dependendo do contexto, não é repreendida se abandona o marido e começa a viver com outro homem. Essa troca de companheiro pode gerar também o abandono dos filhos do casamento anterior. Em geral, após término da relação conjugal, o homem abandona a rede de parentesco, inclusive desvinculando-se da paternidade. Quando isso acontece, cabe ao outro marido (no caso da mulher se ligar a outro homem) a responsabilidade de criar os filhos da mulher. Outro elemento importante deste sistema é a presença dos “parentes agregados” (p. 63), os quais são amigos ou parentes que são abrigados, temporariamente, ou não, nos núcleos familiares. Essa prática de solidariedade é considerada comum entre os moradores de periferia e deriva, em grande parte, de uma rede de solidariedade criada para receber amigos/parentes migrantes<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Para a compreensão das redes sociais travadas pelo processo da migração de famílias camponesas, ver MENEZES (2002).

A migração foi outro tema comum e por muito tempo considerada um dos principais elementos que impulsionavam o processo de periferização das grandes cidades. Isso porque, ao longo das décadas de 40 e 50, e, em menor proporção 60 e 70, houve um forte processo de êxodo rural e migração, principalmente de pessoas provenientes dos estados do Nordeste do país para as metrópoles, como São Paulo. Essas pessoas, muitas vezes, vinham sem um emprego garantido, tentar a sorte “na cidade grande” e ficavam morando, até “se arrumarem” nas casas de parentes que também haviam migrado e que já tinham se estabelecido em um dos vários bairros de periferia em formação. Em termos culturais, eram comuns os debates sobre a sobrevivência de valores do mundo rural nesta ‘nova’ população e seus conseqüentes atraso e isolamento perante o restante dos moradores da cidade<sup>36</sup>. Mas pesquisas de Cardoso (1977 e 1978) e Durham (1978 e 1986), no entanto, demonstram que depois de estabelecidos na cidade, esses moradores reformulam seus valores, inserindo novos elementos de sua realidade na sua forma de significação<sup>37</sup>.

Também a idéia de existência de uma forma particular de se relacionar, fazer e entender a política, típica dos moradores de periferia, gerou vários estudos<sup>38</sup>, dentre os quais destaco o já clássico *Máquina e a Revolta*, Zaluar (1985) por trazer à tona um sistema de barganha de votos entre os políticos e os moradores da favela Cidade de Deus, denominada de *clientelismo urbano*. Conforme dito no capítulo 1, esse tipo de prática

---

<sup>36</sup> Estava muito em voga no pensamento acadêmico a idéia que havia “dois Brasis” dentro do país: - um que possuía um tecnologia rudimentar, com relações retrógradas de produção e de valores; e outro que seria progressista, inserido no sistema capitalista em expansão. Consultar CARVALHO, 1987. Contra a idéia de que os favelados não integravam a sociedade, Perlman (1977)

<sup>37</sup> Trabalhos dos anos 80 mostram que a maioria dos adultos, moradores de periferia, eram migrantes estabelecidos há mais de 30 anos e que tinham filhos adolescentes, nascidos na metrópole. São exemplos, trabalhos de ZALUAR (1985), CALDEIRA (1984) e FERRÉZ (2000).

<sup>38</sup> Destacam-se sobre esse tema, os livros de Caldeira (1984) e Diniz (1982).

política não pode ser atribuída exclusivamente aos pobres, pois está presente, mas em diferentes modos, nas classes médias e altas (ZALUAR 1985, p. 223).

Nos bairros mais pobres é corrente a visita de candidatos políticos de diferentes partidos, geralmente nos meses que antecedem as eleições, às casas dos moradores, afim de “conhecer suas dificuldades” e se oferecer para resolver os problemas das mais variadas ordens. Zaluar, no entanto, demonstrou que essa barganha de votos não se dá de maneira ingênua entre os eleitores, mas que é pensada em termos mercantis, isto é: pede-se a vários políticos e somente vota-se naquele que, efetivamente, tiver mais a dar. Kuschnir (2000), acompanhando a carreira política da família Silveira, pôde detalhar essa relação de troca de votos entre os moradores de um bairro de subúrbio do Rio de Janeiro. Nesse caso em particular, mais que visitas e favores esporádicos ao bairro, os políticos da família montaram uma teia de relações pessoais de trocas também simbólicas com os moradores, fato que permitiu que fossem considerados mediadores entre a comunidade e o poder público, garantindo quase 40 anos de vitórias eleitorais.

Dentro desse contexto, a vizinhança e a localidade assumem um papel importante entre os pobres, pois, segundo Zaluar, são o foco de suas organizações políticas e culturais (op. cit., p. 174). As associações de bairro, formadas, em grande parte, durante a década de 70 e sob influência da igreja católica – através das CEBs – constituíram um mecanismo político de reivindicação e pressão ao poder público por melhorias na infra –estrutura<sup>39</sup> nos

---

<sup>39</sup> As associações de moradores foram responsáveis, em muitos pontos, pelo atendimento das demandas da população ao longo da década de 80. Ver MARQUES & BICHER (2001). Atualmente as associações continuam desenvolvendo projetos de melhoria para o bairro, sendo, em muitos casos, mediadores entre comunidades diferentes. Alvito (2001) mostra o papel de intermediário representado pelos presidentes das associações das favelas Acari e Parada de Lucas. Os presidentes, por serem considerados neutros são os mais indicados, em alguns casos, para realizar o diálogo entre os chefes do tráfico.

anos 80. As demais associações que se dão entre vizinhos, como as agremiações carnavalescas, as escolas/ blocos de samba e os times de futebol, embora não tenham um intuito marcadamente político, possibilitam que os moradores vivenciem diferentes formas de organização e de se fazer política (idem), pois além de suscitarem relações de competição entre si, cada qual, ao seu modo, faz um trabalho de socialização e de lazer na comunidade. Para que isso seja possível, há uma rede de relações entre essas agremiações e a de outros bairros, permitindo, entre outras coisas, a troca de experiência e de materiais entre localidades diferentes.

Já a violência e a criminalidade, embora estivessem presentes nas etnografias dessa época, não ocupavam um papel central nas análises. Em meados da década de 90, no entanto, destacam-se estudos sobre as modificações nas comunidades, em decorrência, entre outros, das transformações do tráfico de drogas em uma empresa<sup>40</sup>. O enfraquecimento das organizações vicinais e familiares, segundo Zaluar (2004):

“facilitou o domínio de traficantes no poder local, o que por sua vez aprofundou a ruptura dos laços sociais dentro da família e entre as famílias na vizinhança, acentuando o isolamento, a atomização, o individualismo, enfraquecendo as redes de solidariedade tecidas no dia-a-dia (...)” (op. cit., p. 211)

Diante desse quadro, as quadrilhas de traficantes passam a ter bastante poder na localidade, competindo com antigas formas de organização civil e contribuindo para uma redefinição dos valores dos jovens envolvidos no tráfico, os quais, para Zaluar, são, em grande parte, seduzidos por uma imagem de masculinidade que está associada ao uso da arma de fogo e à disposição de matar, ter dinheiro no bolso e se exibir para algumas

---

<sup>40</sup> O documentário *Notícias de uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles e Kátia Lund traz algumas informações sobre as transformações, no final da década de 80, no tráfico de drogas e nas comunidades.

mulheres, caracterizando o que a autora denominado de *ethos da hipermasculinidade*. (2004: 112). Esses jovens, além da busca do assim chamado “dinheiro fácil” e da negação do trabalho, procuram um reconhecimento social e respeito da localidade, por meio da imposição do medo. A violência e a criminalidade, conclui Zaluar, são expressões de vários fatores e não podem ser explicadas, pura e simplesmente, pela pobreza e desigualdade enfrentadas nas periferias<sup>41</sup>

O significado da religião, as formas de lazer e descanso da família pobre, além do estudo de valores tradicionais ligado à honra masculina e à reputação feminina<sup>42</sup>, completam uma espécie de quadro explicativo do fenômeno que designei de *periferia metropolitana*. Pôde-se, com base nos dados coletados e sistematizados nessas etnografias, reconhecer algumas categorias que operavam no modo de significar a realidade dos moradores de bairros “mais afastados da cidade”. Mas, embora tenham descrito alguns elementos explicativos da periferia, esses trabalhos pouco discutiram a respeito do significado do termo periferia, enquanto uma categoria de análise. A periferia, neste sentido, tende a aparecer num plano secundário, numa espécie de pano de fundo, de cenário onde se dão as manifestações culturais, políticas e sociais e onde se é possível a caracterização de um estilo de vida típico da parcela mais pobre da cidade (ÁVILA, 2003, p. 29).

---

<sup>41</sup> Consultar o livro *Cabeça de Porco* (2005) para conhecer a realidade de várias periferias e favelas do Brasil.

<sup>42</sup> Para entender a religião católica, ver ZALUAR (1973), evangélica, ver ALMEIDA (1996) . Sobre o (1984) e MONTES (1982). Sobre os códigos de valores, FONSECA (2000) e ZALUAR (1985).

## **Periferia tem conceito ?**

**(certo)**

Tereza Caldeira começa seu livro *A política dos outros* (1984) chamando a atenção para a popularização do uso da palavra periferia em diversos discursos e sua conseqüente perda de conteúdo, uma vez que, nesse uso corrente, a periferia “quer dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, não serve para explicar quase nada” (op. cit., p. 07). Esse alerta de Caldeira, longe de ser um problema superado, faz bastante sentido hoje em dia.

Para a autora, além de identificar os limites da cidade, suas franjas e distâncias, a periferia é tratada como uma *palavra* que também aponta para aquilo que é “precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana”(idem).

Essa associação entre pobreza e periferia é praticamente automática nas análises sobre o tema e, no artigo de Durham (1986), aparece como um elemento definidor da palavra periferia. Segundo a autora, embora haja pobres por toda a cidade, é na periferia que eles se concentram, criando, a partir disso, um espaço que lhes é próprio e se constitui como a expressão mais clara de seu modo de vida (op. cit., p. 86). Sarti (1996) concorda com tal concepção e salienta que o local de moradia serve de base para a constituição de uma identidade coletiva. Isto é, o fato de se viver em um local onde as condições de vida e de *estrutura de oportunidades*<sup>43</sup>, são deficientes e, em certa medida, homogêneas, permite construir uma referência básica de significação da realidade, diferente dos moradores da área central, sobre o *seu lugar* na cidade e, em certa medida, na própria sociedade<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Entendo a noção de *estrutura de oportunidades* nos mesmos termos de Almeida & D’andrea: “alude ao fato de que os canais para o bem-estar estão estreitamente vinculados entre si, de modo que o acesso a determinados bens, serviços ou atividades, provê recursos que por sua vez facilitam o acesso a outras oportunidades” (RUBEN & FIGUEIRA *apud* ALMEIDA & D’ANDREA, 2004). Mais informações, consultar CHAVES (1999).

<sup>44</sup> São referências os já citados trabalhos de Cardoso e Durham, no final da década de 70.

A palavra periferia, nesse sentido, deixa de ser empregada apenas como um referencial geográfico – para designar os bairros “mais afastados da cidade” –, ou como expressão de uma desigualdade de acesso ao solo urbano – “o lugar dos mais pobres”, pois constitui uma série de representações da cidade e da própria sociedade.

A relação de oposição da periferia com o centro da cidade está presente, tanto numa definição mais *geográfica*<sup>45</sup> quanto na abordagem antropológica. Isso porque essa oposição, muitas vezes, nos discursos dos moradores é transposta para uma forma de significação, assumindo um caráter de oposição mais geral, entendido como *nós* (os pobres) x *eles* (os ricos) (CALDEIRA, 1984; CARDOSO, 1978; DURHAM, 1978 e SARTI 1996.)<sup>46</sup>. No trabalho de Guasco, no entanto, essa oposição assumiu outros contornos e permitiu tratar a questão da periferia, não somente como uma referência espacial ou de carências, mas como uma *categoria nativa* que “descreve uma condição social que costura uma identidade entre pretos e pobres”(2000:17).

A periferia, entre esses jovens, é usada tanto para denunciar a existência de um meio social específico, marcado pela violência e miséria, resultados do processo de exclusão da cidade e da sociedade, como também uma referência identitária. Isso faz sentido se entendemos a postura que o rapper assume diante de seus iguais (todos os moradores de periferia) e desiguais (polícia, políticos, burguesia e os playboys)<sup>47</sup>. Quando usada como

---

<sup>45</sup> Considero como *definição geográfica* as análises que utilizam apenas características físicas dos locais.

<sup>46</sup> Há vários desmembramentos dessa oposição. Uma delas é a idéia de *cidade partida*, muito comum em interpretações cariocas para a relação entre as favelas e o restante da cidade do Rio de Janeiro. Consultar VENTURA (2002). Para Luiz César de Queiroz Ribeiro e Lúcia Bógus, as favelas “parecem traduzir na paisagem urbana a face mais visível do que seria *cidade fragmentada* em ordens sociais distintas.” (grifo meu, 2001, p. 07). Consultar também RIBEIRO (2000) e LAGO (2000).

<sup>47</sup> Afirmar-se *morador de periferia* confere ao rapper mais legitimidade dentro do movimento Hip Hop, porque permite basear seu discurso em uma experiência vivida de fato, concedendo-lhe veracidade nas suas letras.

uma referência identitária ligada a um determinado contexto, salienta o autor, a periferia é para os rappers uma categoria bastante elástica.

Dos estudos analisados, podemos considerar consenso que a periferia é o lugar de concentração dos mais pobres, com péssimas condições de infra-estrutura e carências materiais. É também uma palavra que se define por oposição a um centro, seja este o centro da cidade, ou o centro do poder<sup>48</sup>. Mas, por exemplo, a partir do momento que procuramos entender as representações que os moradores fazem de seu local de moradia, essa concepção de periferia parece ser bem mais flexível e dinâmica, suscitando, por várias razões, um exercício de relativização do significado que o termo assumiu.

Um dos fatores que justifica essa afirmação é que a realidade da periferia e da cidade hoje é distinta da observada nos anos 80. Há, pelo menos, duas décadas que se está formando, com base principalmente na disseminação da “cultura do medo”, um novo tipo de segregação urbana, denominado por enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000). Esse processo consiste na auto-segregação das camadas mais abastadas da sociedade que, cada vez mais, optam por morar em condomínios fechados, altamente seguros e distantes do centro da cidade. Está implícito, nesse novo tipo de habitação, o desejo de se viver somente entre iguais, apartando-se dos mais pobres, considerados como possíveis ameaças à segurança.

As periferias que se formaram ao longo das décadas de 60 e 70 e que nos anos 80 foram marcadas por melhorias nas condições de vida, em decorrência dos investimentos públicos, podem ser consideradas como *periferias consolidadas*, pois seriam espaços, em

---

<sup>48</sup> Para os rappers, a periferia se opõe a uma outra centralidade: não à espacial (o centro da cidade), mas à centralidade do poder.



grande parte, bem servidos e já inseridos na malha urbana. Numa análise recente, Torres e Marques (2001), chamam a atenção para a formação, ao longo dos anos 90, de uma nova forma de ocupação dos mais pobres: a *hiperperiferia*, ou *favela da periferia*. Assim, além das dificuldades (baixo rendimento da população e deficiência de infra-estrutura do lugar) tradicionalmente encontradas na periferia, somam-se a esses novos espaços, condições adicionais de exclusão urbana, pois habitariam áreas que, em geral, são impróprias para uso habitacional. Os moradores hiperperiféricos, de acordo com os autores, são aqueles que, não podendo pagar um lugar para morar nem nas *periferias mais tradicionais*, nem nas *favelas consolidadas* (op. cit., p. 65), habitam as franjas e interstícios mais precários.

Outra modificação nas periferias se dá em decorrência da penetração cada vez mais forte do movimento hip hop nas comunidades, fato que faz emergir um outro ator de contestação, distinto dos que surgiram com os movimentos sociais do final da década de 70. O cantor de rap, em muitos casos, aparece como um “porta-voz” das dificuldades enfrentadas, num discurso marcadamente político e ideológico<sup>49</sup>. A literatura marginal é outro produto cultural, considerado *de periferia*, que está cada vez mais se popularizando entre outros grupos sociais<sup>50</sup>.

Essas transformações, no entanto, ocorreram e estão ocorrendo nas periferias e, em certa medida, nas favelas das grandes cidades, num contexto social e simbólico específico e que, por isso mesmo, não pode ser estendido, de maneira mecânica, a outras configurações sócio-espaciais. A periferia da cidade de porte médio, ou mesmo de cidades pequenas,

---

<sup>49</sup> Um dos exemplos desse papel assumido pelo rapper é o trabalho realizado por MVBILL. A CUFA (Central Única de Favelas) fundada no dia 10/03/1998, além de ser uma criação do rapper, também explicita a emergência de novas formas de contestação das condições vividas nas favelas/ periferias. Ver [www.cufa.com.br](http://www.cufa.com.br)

<sup>50</sup> Em agosto de 1998 foi lançada a revista *Literatura Marginal* ato I, em junho de 2002 a ato II e em abril de 2004 a ato III, fruto de um projeto com a revista *Caros Amigos*. Há também uma série de publicação de livros de autores moradores periféricos.

distantes dos centros metropolitanos, deve ser considerada não como uma mera reprodução das periferias metropolitanas, mas como um fenômeno particular e que suscita uma análise mais detalhada.

## **SEGUNDA PARTE**

**“Cada macaco no seu galho”**

(Ditado Popular)

## ‘Com quantos paus se faz uma canoa’

---

### Capítulo 3 Antenor Garcia: de vendedor de panelas à periferia?

*“ O que eu quero não é cesta (básica), é serviço, mas não tem.”*

**Cristina**, moradora do Antenor Garcia

Nos estudos sobre a questão da periferia, investigações em cidades médias não são muito comuns. Durham, em 1986, analisou a visão que moradores de periferia de três cidades de porte médio faziam de sua cidade (Rio Claro, Marília e São Bernardo dos Campos) e o resultado foi uma avaliação parcialmente positiva, criada em contraste com a imagem da “cidade grande”, cujo exemplo mais completo era a cidade de São Paulo. As cidades médias, segundo seus moradores

“são consideradas boas para se morar porque são simultaneamente limpas e tranquilas. A ausência de violência também é apontada como uma das vantagens, assim como a ausência de correrias e atropelos” (op. cit., p. 87).

Essa representação, pautada em um conjunto de atributos mobilizados na relação comparativa com a cidade grande, define a valorização de um tipo de ordem que é constituída pela superposição de três planos: espacial, social e moral. Porém, quando se fala nos recursos (referente à oferta de equipamentos públicos, à existência de um comércio diversificado e amplo mercado de trabalho), o eixo de comparação se desloca para as

idades pequenas, as quais são consideradas piores, por não oferecerem tais benefícios em quantidade/ qualidade suficientes. A cidade grande, nesse sentido, é entendida como um lugar de possibilidades, onde a oferta dos “recursos” é maior. Mas, embora apresente um quadro diversificado de representações das cidades de diferentes portes, o qual varia segundo o ponto de vista observado, a autora conclui que “os julgamentos e avaliações entre os moradores das periferias das cidades médias são muito semelhantes àqueles revelados por pesquisas que vêm sendo feitas na cidade de São Paulo nos últimos anos.”

(op. cit., p. 94). As diferenças existentes entre os dois tipos de periferias observados (cidade média e cidade grande), basicamente, apareceriam quanto à caracterização física dos locais: a periferia da cidade média estaria longe de se assemelhar à “imagem de miséria, poluição e excesso de população” (idem), encontrada nas periferias da metrópole. Também nessas cidades menores o contraste entre os excessos de riqueza e de pobreza seria bem menos evidente do que nas metrópoles. Quanto às formas de significações apreendidas, haveria a generalização de uma certa visão da sociedade<sup>51</sup>, presente tanto nos moradores de cidade médias, quanto nos moradores de São Paulo.

Elisabete Bilac (1978), em seu estudo sobre a organização de famílias pobres em Rio Claro, procura analisar a relação existente entre as estratégias de sobrevivência criadas e o mercado de trabalho, a qual, segundo a autora, contribui para a reprodução das desigualdades sociais. Na introdução de seu texto, o termo *cidade interiorana* é usado para designar a cidade média do interior paulista (op. cit., p. 09), mas, nesse caso, embora haja referências à cidade média e de interior, a periferia não é problematizada na análise.

---

<sup>51</sup> Essa visão de mundo, comum aos moradores de periferia, se estrutura em termos de duas dimensões: um que diz respeito “à vida privada e é vista como dependente diretamente da iniciativa e da responsabilidade de cada um; e outra que chamaremos de pública, compreende, de um lado, a sociedade propriamente dita e, de outro, o Estado.” (DURHAM, 1986, p. 95)

Já em sua dissertação Elisabete David (1993) procurou analisar, passados 10 anos, como os moradores do Selmi –Dei, periferia de Araraquara, instalaram-se e transformaram o espaço, caracterizado, na época da ocupação do bairro (entre os anos de 1980 e 81), pela ausência de qualquer equipamento urbano básico e pela distância do centro da cidade. A periferia, neste trabalho, aparece como “amalgama das relações sociais existentes no processo de transformação rural-urbana vivenciado no país” (op. cit., p. 211). Seus moradores, além da baixa renda, trazem uma trajetória de vida marcada por passagens pelo rural e pelo urbano, fato que se reflete na heterogeneidade da composição do bairro. A relação com a “cidade”, conclui a autora, é delimitada fundamentalmente pelas obrigações e necessidades cotidianas, “já que nesta relação não aparecem marcados elementos que contribuam para a sociabilidade” (p. 212), pois esta se daria, basicamente, no espaço do próprio bairro.

Esses trabalhos, de uma forma ou de outra, apontam para a existência de traços distintivos nas periferias das cidades médias<sup>52</sup>. Uma das possíveis razões seria o fato de estarem situadas em cidades com características históricas e culturais distintas dos grandes centros. Segundo definição do IPEA (1979), a cidade média se caracteriza por estratos que, em 1970, possuíam uma população urbana entre 50 mil e 250 mil habitantes. Também se classifica uma cidade como *aglomeração urbana* ou como *posição isolada*<sup>53</sup>, de acordo com sua localização diante das regiões metropolitanas.

---

<sup>52</sup> Outro estudo interessante sobre cidade média é a tese de doutorado de Ana Mércia Silva Roberts (2002), sobre condomínios fechados em São Carlos.

<sup>53</sup> “O atributo ‘isolada’ significa apenas que a cidade média não se enquadra entre as que estão situadas em regiões metropolitanas e não é componente de nenhuma aglomeração urbana” (op. cit., p. 40) Por aglomeração urbana, entende-se duas ou mais cidades que juntas viram cidades de porte médio.

## **A cidade de São Carlos**

Diante dessas considerações, a cidade de São Carlos é tida como uma cidade de porte médio, de posição isolada, situada no interior do Estado de São Paulo. Com, aproximadamente, 200.000 habitantes<sup>54</sup>, e 150 anos de fundação, a cidade é considerada como um importante centro regional (SMDHU/ São Carlos, 2000) devido, entre outros, ao desenvolvimento de pesquisas na área tecnológica. A “cidade da tecnologia”, como é constantemente chamada, conta com “uma economia voltada para a prestação de serviços educacionais e tecnológicos, com a presença de duas importantes universidades – USP e UFSCar” (FAZANO, 2001) e a consolidação de um parque industrial como sua principal atividade produtiva.

Em um estudo sobre o desenvolvimento urbano da cidade de São Carlos, Abreu (2000) analisou as relações existentes entre o tipo de política adotada pelos poderes públicos locais e o desenvolvimento da economia, entre os anos de 1880 e 1960. Desde o início do processo de formação da cidade, por volta de 1880, a área central foi habitada pelas classes mais altas, sendo primeiro ocupada pelos casarões dos grandes fazendeiros de café da região, para os quais, construir uma casa na ainda pequena cidade “era uma forma de obtenção de prestígio, de status” (op. cit., p. 15). Com a queda da economia cafeeira - por volta da década de 30 - como principal atividade econômica da cidade, e com a consolidação da vida urbana, o poder público local, a partir da segunda metade da década de 40, buscou incentivar o desenvolvimento territorial da cidade, primeiro loteando as áreas de sua propriedade, localizadas no centro da cidade e depois loteando as áreas mais afastadas. Isso ocorreu até metade da década de 50 pois o poder público, após consolidação

---

<sup>54</sup> Segundo o Censo, a população de São Carlos contava, no ano de 2000, com 192.998 habitantes. O número de 200.000 hab. não corresponde ao número exato de moradores, pois é uma estimativa, considerando o crescimento da população até o ano de 2006.

do setor industrial como principal atividade econômica, deixa de ser o maior responsável pelo processo de expansão territorial, agora representado pelos setores industriais e de comércio, os quais passaram a redefinir tanto a área central, como os demais bairros. Abreu conclui seu trabalho enfatizando a profunda relação existente entre a opção econômica de São Carlos (com o predomínio de atividades comerciais e industriais) e a ação imobiliária no tipo de desenvolvimento territorial produzido até 1960 na cidade<sup>55</sup>.

Lavandeira (1999) em sua pesquisa sobre as transformações físicas de duas regiões de São Carlos reafirma a importância do setor imobiliário na definição da apropriação dos espaços urbanos da cidade. A ocupação do território em São Carlos deu-se predominantemente de maneira radiocêntrica, com a expansão das áreas centrais –melhor atendidas em termos de serviços e infra-estrutura – em direção aos bairros distantes e com menores investimentos públicos e privados. De acordo com o estudo, a primeira onda de periferação da cidade data de 1920, com a criação de bairros operários circundantes à estrada de ferro. Já no final da década de 70 e começo de 1980 há a implantação de loteamentos afastados do perímetro urbano, cuja iniciativa deixa de ser de setores industriais e passa a ser de setores imobiliários, com a presença de um loteador para várias áreas. Concomitante a esse processo de periferação observa-se a transformação do centro da cidade, com a derrubada de casarões históricos e a substituição tipológica por edifícios, numa constante verticalização da área; o aumento de atividades comerciais e a redução do espaço público (LAVANDEIRA, 1999, p. 28).

Esse processo de urbanização se reflete na atual configuração espacial de São Carlos. Num levantamento comparativo entre as regiões periféricas e a área central

---

<sup>55</sup> Os primeiros bairros a surgirem na cidade foram bairros operários e datam da década de 40. São: Vila Nery, Vila Pureza, Vila Izabel e Vila Prado. Esses bairros surgiram como periferias, mas com o progressivo desenvolvimento do bairro, atualmente não se configuram como tal.



(ÁVILA, 2003), nota-se que, embora haja uma tendência progressiva de transformação do centro da cidade de um local de moradia das classes mais altas da cidade para uma região de predominância do uso comercial e de serviços, é nessa área que estão concentrados o maior nível educacional da população da cidade, bem como a oferta de equipamentos urbanos. É também nessa região que estão reunidos os principais centros de decisão política, administrativa e econômica da cidade. Nas periferias, como o Antenor Garcia, estão os menores índices de escolaridade (menos de 5 anos de estudo) e de renda (menos de 3 salários mínimos), além da ineficiência de oferta de equipamentos públicos<sup>56</sup>.

Essas características permitiram a consolidação de um espaço – o centro da cidade-privilegiado, entre outras coisas, pela concentração das maiores ofertas de equipamentos urbanos, educacionais e postos de trabalhos e a presença das melhores condições de vida para a população residente. Mas, apesar das transformações ocorridas na cidade e na área central, não se verifica em São Carlos a tendência observada em São Paulo de descentralização do espaço urbano, com a degradação da antiga área central e a emergência de novos subcentros. Segundo Frúgoli,

“a realidade metropolitana é hoje marcada por centros ou pólos em competição, cuja força difere a partir do dinamismo econômico, do conjunto de empresas que abarca, das políticas do poder público quanto ao desenvolvimento metropolitano e dos grupos sociais que, com diferentes intuítos, se situam nessa área” (FRÚGOLI, 2000. p. 33)

Essa nova situação de centralidade, marcada pelo surgimento de outros espaços centrais, tem consolidado o processo de intervenção urbana de revitalização das áreas centrais das metrópoles, o qual redefine o papel do poder público e dos grupos empresariais

---

<sup>56</sup> Em bairros pobres como Antenor Garcia e Presidente Collor apesar de haver uma quantidade expressiva de crianças, não há escola, nem creche.

interessados. Em São Carlos, apesar da progressiva diminuição do uso habitacional da área central e da implantação de condomínios fechados em lugares afastados, não se observa a criação de subcentros ou o processo de revitalização da área central, fato que suscita uma outra análise sobre as relações estabelecidas entre a população e o centro das cidades de porte médio.

A diferença entre o desenvolvimento urbano de São Carlos e das grandes cidades também se verifica no processo de periferização. Ao contrário do ocorrido em São Paulo, o processo de surgimento das atuais áreas periféricas de São Carlos se deu por volta da década de 80. Em 1980, a taxa de crescimento da cidade foi de 2,57%, superior à média do Estado, fato que gerou um crescimento desordenado, a ocupação de áreas ambientalmente impróprias e a consolidação de áreas periféricas, as quais, em 30 anos, de 1970 a 2000, dobraram seu número de habitantes. A análise demográfica do município, realizada pela SMHDU<sup>57</sup> (2000), demonstra que, entre os anos de 1991 e 2000, houve um aprofundamento da desigualdade sócio-espacial na cidade, caracterizada pelo considerável aumento de moradores de baixa renda em áreas afastadas e sem infra-estrutura, em contrapartida à redução do uso residencial da área central – atualmente com cerca de 5.688 habitantes, provenientes das classes mais altas –, cada vez mais destinada ao setor de comércio e serviços.

---

<sup>57</sup>A sigla SMHDU se refere à Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano, da prefeitura de São Carlos.

## **Do centro à periferia:**

### **A (região)**

#### **Cidade Aracy**

Atualmente São Carlos conta com apenas uma área central e, aproximadamente, três áreas de concentração periférica<sup>58</sup>: ao noroeste estaria a *Região Santa Felícia*, destacando o bairro Santa Angelina como o mais pobre da região; ao Sul temos a *Região do Jardim Gonzaga* que comporta os seguintes bairros: Cruzeiro do Sul, Monte Carlos, Jardim Gonzaga e Orfanato, sendo os dois últimos considerados “bairros problemas”, vistos como violentos e pobres. A Sudoeste se encontra a *Região Cidade Aracy*, local onde o bairro Antenor Garcia está situado. Além do Antenor Garcia, a região é formada pelos bairros Cidade Aracy I e II e Presidente Collor, num total superior a 15.962 habitantes<sup>59</sup>.

Geograficamente a região é marcada por dificuldades de acesso e afastamento da área central, sendo separada dos demais bairros da cidade por um grande declive, nomeado pelos moradores como “subida”. Sair do bairro, nos discursos dos moradores do Antenor Garcia é “subir para a cidade”, atingir os bairros mais centrais e privilegiados de São Carlos, num deslocamento espacial, mas também simbólico<sup>60</sup>. Essa associação entre os demais bairros com a própria cidade de São Carlos, em parte, pode ser explicada pelo fato de que a região periférica está espacialmente isolada do restante da cidade, pois após a descida do declive não há mais nenhum outro bairro, que não os componentes da região Cidade Aracy.

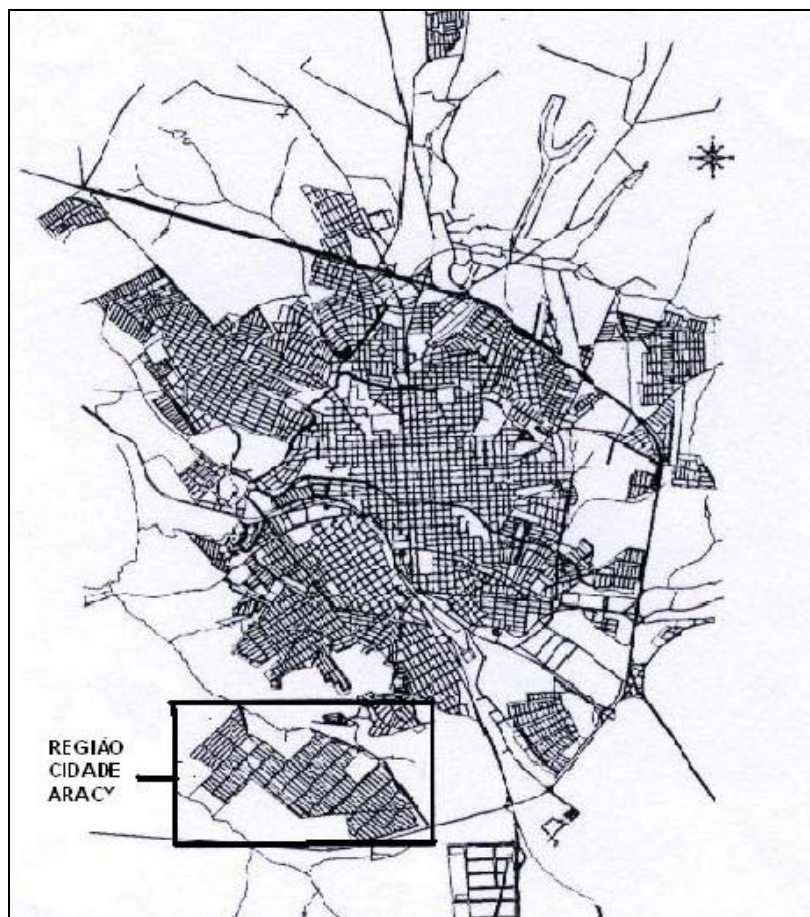
---

<sup>58</sup> Ao recorrer ao termo região periférica, estou me referindo a lugares com concentração de mais de dois bairros de periferia. Há na cidade de São Carlos, além dos mencionados, outros bairros considerados de periferia. Santa Maria I e II são exemplos.

<sup>59</sup> Esses são dados do censo do IBGE, no ano 2000. Considerando que já se passaram 06 anos, esses valores atualmente são superiores. (Fonte: Censo IBGE 2000: setores 39 a 51, para a região central, setores 1 a 13.).

<sup>60</sup> Essa questão será explorada no capítulo 4.

**Figura 1 – Cidade de São Carlos e região Cidade Aracy**



Fonte: adaptado de FAZANO (2001)

**A história se repete:  
o surgimento da região Cidade Aracy**

O processo de formação da região se assemelha ao de periferização das grandes cidades observados por Kowarick (1993), podendo ser entendido como resultante, também nesse caso, de uma combinação da ausência de fiscalização do órgão público, com a atitude

de venda de lotes regulares e irregulares em áreas distantes da cidade e muitas vezes inadequadas ao uso habitacional. Embora não exista um documento oficial sobre o processo de ocupação de toda a região Cidade Aracy, sabe-se, através de relatos de alguns moradores, de funcionários mais antigos da prefeitura de São Carlos e da atual proprietária da imobiliária Faixa Azul<sup>61</sup> – órgão responsável pela venda de lotes e regularização da área – que, antes de ser um bairro, parte da região era uma fazenda de propriedade de Francisco Pereira Lopes, o qual iniciou o processo de venda de lotes (cerca de 5.000 de uma só vez), após regularização do loteamento pela prefeitura, no começo da década de 80. Mas, apesar de ter surgido de maneira regular, não houve um planejamento na ocupação dos terrenos, muito menos investimento em infra-estrutura: apenas se desmatou o local e, em seguida, começaram a venda de lotes e a ocupação progressiva do local.

Além da ocupação por pessoas que compraram os lotes, a área foi invadida por moradores de outros bairros de São Carlos, mas também por migrantes provenientes, em grande parte, de Minas Gerais, Estados do Nordeste e Paraná. O processo de invasão e comercialização de lotes a um preço mais baixo do que o corrente no mercado imobiliário resultou num crescimento acelerado e desordenado da região, na apropriação de terrenos inadequados para o uso habitacional, na carência de equipamentos urbanos e na concentração de pessoas pobres. Em pouco menos de 10 anos de surgimento, os bairros Cidade Aracy I e II já haviam se consolidado como mais uma região periférica de São Carlos, suscitando uma série de investimentos públicos na implantação de equipamentos urbanos, uma vez que o loteador não realizou nenhum investimento nesse sentido.

---

<sup>61</sup> Ana Dilma é a atual responsável pela regularização da área. É irmã de Airton Garcia, o loteador de toda a região Cidade Aracy, que não mora mais na cidade, entre outros motivos, porque está sendo processado pela Justiça. por causa de loteamentos irregulares que este implantou em São Carlos. O Antenor Garcia é apenas um exemplo. Infração da lei nº 6766/79

O processo de fundação do bairro Antenor Garcia se deu em condições diversas do observado no Cidade Aracy I e II. Inicialmente foram doados aleatoriamente lotes aos interessados, os quais, em contrapartida, tornavam-se responsáveis pela limpeza de outros dois lotes vazios, isto é, “os moradores denominados ocupantes passaram a ter o compromisso de realizar a manutenção dos lotes vizinhos” (GUASPAR, op. cit., p. 06). Esses espaços vazios deveriam ser comercializados assim que o bairro começasse a ser povoado e a receber investimentos públicos, ou seja, a venda ocorreria após a valorização do espaço<sup>62</sup>. Segundo dona Zefina, quando ela e sua família se mudou para o Antenor,

“era tudo mato, não tinha nada aqui não. Nós primeiro fizemos nosso barraquinho, com lona mesmo, assim que a gente ganhou esse terreno. Só tinha três famílias, a minha era uma delas. Antes da gente se mudar, *Seu Airton* passava com caminhão carregando os homens pra poder arrancar os matos, limpar aqui. Em troca nós nos mudamos e continuamos tomando conta até que começou a vir um monte de gente. As coisas eram difíceis, minha filha, não tinha água, a gente precisava ir lá no rio pra lavar a roupa e quando chovia, era uma tristeza só.”

Dona Zefina, 61 anos, há treze anos vive no bairro

A condição de formação do bairro, por volta de 1990, assemelha-se à descrita por Caldeira (1984), pois também nesse caso os moradores foram “morar no mato”, mas com um agravante: além de auto-construírem suas casas e arcarem com as dificuldades provenientes da ausência de infra-estrutura, os moradores precisavam “trabalhar” para o proprietário do terreno, limpando os lotes e evitando possíveis invasões.

A iniciativa de construção foi do atual proprietário de toda a região Aracy – incluindo os bairros Cidade Aracy I e II e Presidente Collor – Airton Garcia Ferreira, o

---

<sup>62</sup> O lote (de 125 m<sup>2</sup>) no bairro, no ano de 2000 foi vendido pela imobiliária Faixa Azul por 50 prestações de R\$ 50,00.

qual, mais do que homenagear o pai<sup>63</sup>, na época das doações dos terrenos tinha interesses políticos no local. Filho de Antenor Garcia, antigo fabricante e vendedor de painéis da cidade, Airton Garcia é uma figura conhecida e polêmica no cenário político de São Carlos, pois além de loteador (há, por todo o interior do Estado, loteamentos feitos em seu nome), tentou por muito tempo ser prefeito da cidade, mas uma série de processos judiciais, movidos pelo Ministério Público por conta das irregularidades nos loteamentos Antenor Garcia e Presidente Collor<sup>64</sup>, apenas assumiu o cargo de vice-prefeito na administração de Rubens Massucio (Rubinho), entre 1993-96, com grande apoio dos eleitores da região Cidade Aracy.

Ademais às irregularidades apontadas, há em toda a região vários pontos impróprios para o uso habitacional. Fazano (2001) demonstrou que nos bairros Cidade Aracy I e II há sérios problemas de voçorocas e erosão. Também GASPAR (2000), numa análise geotécnica, constatou que o bairro Antenor Garcia está construído numa área de risco ambiental, com sérios problemas de erosão, que se intensificam no período das chuvas<sup>65</sup>.

Todos esses dados da formação da região apontam para processos semelhantes observados na formação de periferias das grandes cidades: a ocupação de terrenos distantes da área central, desprovidos de infra-estrutura, em áreas, em grande parte, irregulares e impróprias para o uso habitacional. Nessa situação de *espoliação urbana* (KOWARICK, 1993), o proprietário, no entanto, não visava diretamente o lucro, mas sim garantir uma

---

<sup>63</sup> Segundo Ana Dilma, “depois que ele (Airton Garcia) fez o bairro, faltava colocar o nome. Daí ele deu o nome do nosso pai, que já era falecido. Foi um modo que meu irmão encontrou pra homenagear o pai”.

<sup>64</sup> O processo de fundação desse bairro se assemelha ao do Antenor Garcia. Airton Garcia está sendo processado por ter desobedecido a lei

<sup>65</sup> Recentemente foi apresentada uma série de reportagens sobre os resultados das chuvas na região Aracy. Ver Jornal *Primeira Página*, publicações dias 15/01/2006, 16/01/2006 e 17/01/2006.

espécie de curral eleitoral, caracterizando a tradicional relação entre política e bairros pobres descrita, por exemplo, por Kuschnir (2000).

### **A periferia de hoje**

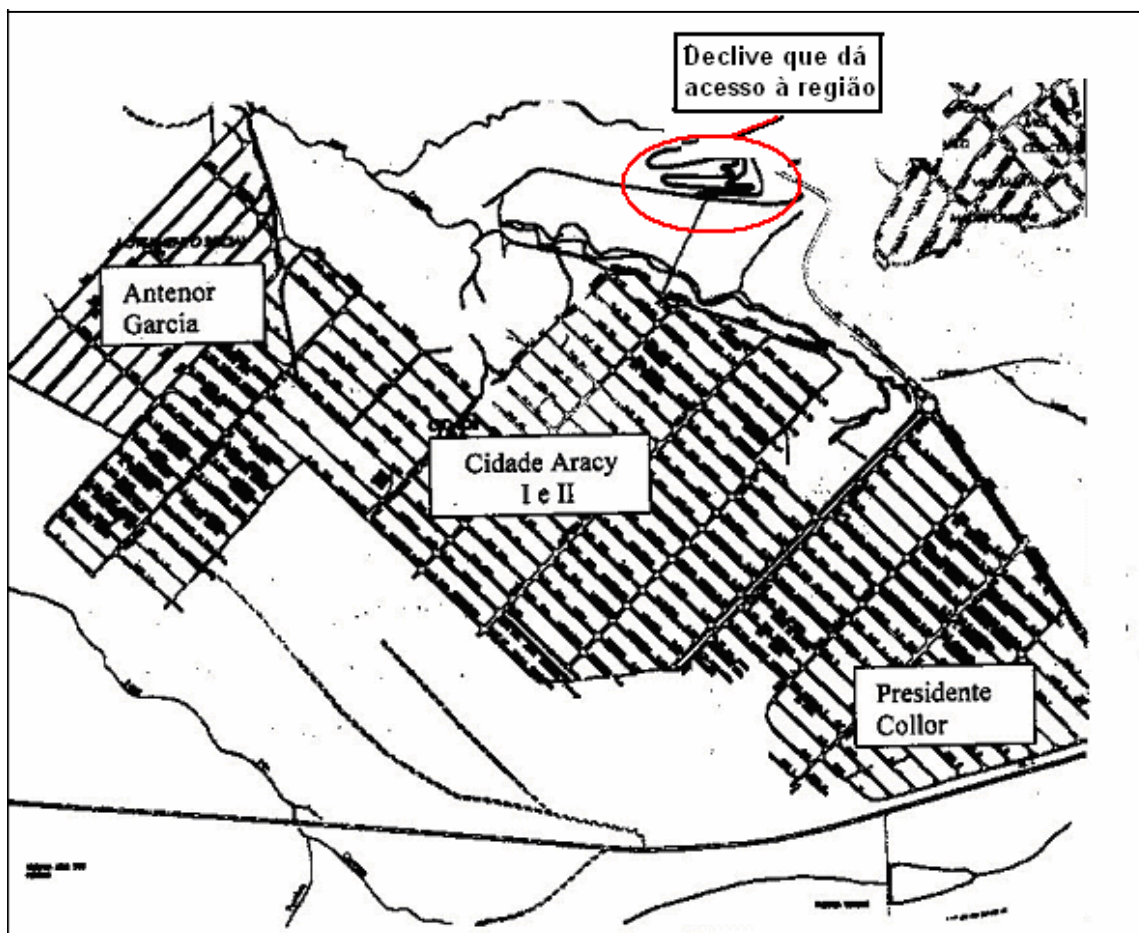
Quando se visita a região Cidade Aracy tem-se a impressão que se trata de um só bairro, homogêneo quanto às características físicas e a pobreza, pois os bairros estão muito próximos um dos outros, sem demarcações visíveis. Há, inclusive na cidade de São Carlos (encontrada também em discursos dos funcionários da prefeitura) uma tendência a considerar os quatro bairros pertencentes à região como sendo “tudo Cidade Aracy, eles lá fazem diferença, mas aqui pra nós é tudo Aracy, porque o mapa é um só”<sup>66</sup>. Mas, mesmo não havendo limites visíveis de separação entre cada bairro, basta perguntar a qualquer morador da região que este dirá onde começa e termina cada bairro. Os limites são muito mais simbólicos do que físicos e as formas de delimitação são importantes componentes de diferenciação entre os bairros<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Essa diferenciação, no entanto, parece não se estender da mesma forma ao Presidente Collor, pois quase não há referências pelos moradores do Antenor Garcia a esse bairro, o qual se configura como sendo o mais pobre da região. Nem todas as ruas são pavimentadas e há uma grande recorrência aos serviços assistenciais. Não há equipamentos urbanos, nem de lazer, fato que obriga seus moradores a fazerem uso dos existentes nos bairros mais próximos: Aracy I e II. O bairro, muitas vezes, é considerado como extensão do Cidade Aracy I.



**Figura 2 – Bairros componentes da região Cidade Aracy**



Fonte: adaptado de ÁVILA (2003)

Os bairros Cidade Aracy I e II são os mais antigos e os que têm mais se desenvolvido da região. Do início de sua ocupação, até os tempos atuais, têm apresentado um expressivo crescimento populacional e melhoria de oferta de equipamentos urbanos, configurando-se como os dois bairros com o maior número de estabelecimentos comerciais e concentração dos principais equipamentos urbanos de toda a região, tais como escolas, postos de saúde (há no Cidade Aracy I um dos dois prontos-socorros da cidade), centros comunitários com atendimento de assistência social (no bairro Antenor Garcia o número de

atendimento é muito reduzido e os moradores, num situação mais urgente, precisam ir ao centro comunitário do Cidade Aracy II ), uma agência dos correios e uma agência bancária, além de opção de lazer mais diversificada.

Já os bairros Antenor Garcia e Presidente Collor não possuem a mesma infraestrutura encontradas no Cidade Aracy I e II. De acordo com umas das assistentes sociais da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, “lá no (*Antenor Garcia*) é onde mais trabalhamos, pois ali são os maiores bolsões de pobreza da cidade”<sup>67</sup>. Não há, nesses bairros, escola, creche ou postos de saúde. Os estabelecimentos comerciais estão reduzidos a alguns mercados, pequenas lojas de roupa usada (brechós) e bares. Essa situação de carência de equipamentos urbanos e de estabelecimentos comerciais faz com que esses moradores recorram aos existentes no Aracy I e II. No caso do Antenor Garcia, como não há nenhuma escola no bairro, as crianças que cursam a pré-escola, estudam em escolas distantes, situadas no bairro Aracy I. Já o ensino fundamental, é cursado na escola municipal Arthur Natalino Deriggi, escola do bairro Aracy II, mas que está bem próxima à “entrada” do Antenor Garcia. O mesmo ocorre com relação ao posto médico, pois o “postinho” do bairro funciona somente durante a semana e não atende casos graves, apenas consultas rotineiras.

Essa insuficiência de infra-estrutura no próprio bairro faz com que haja um trânsito intenso entre os moradores dos bairros da região Cidade Aracy. Mas a relação estabelecida entre os moradores do Antenor Garcia e os bairros vizinhos Cidade Aracy I e II vai muito além da simples satisfação das necessidades básicas<sup>68</sup>, perpassando por questões objetivas (o uso de equipamentos inexistentes em seu bairro, ou a visita a parentes e amigos, por exemplo), mas também simbólicas, as quais permitiram compor um quadro explicativo, denominado por mim por *periferia interiorana*<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> A assistente social quando se refere ao bairro Antenor Garcia está também considerando o bairro Presidente Collor. Isso porque, para o poder municipal, não há diferenciação entre os bairros da região Cidade Aracy : Antenor Garcia e Presidente Collor são tratados como iguais.

<sup>68</sup> Considero como satisfação das necessidades básicas as atividades referentes ao acesso à infra-estrutura necessária no meio urbano, tais como com escola, estabelecimentos comerciais, saúde, lazer, etc.

<sup>69</sup> Agradeço à professora Norma Felicidade, do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar, pela sugestão do nome.

## **Antenor Garcia : descrição de uma periferia?**

Para se chegar e sair do “Antenor” -os moradores se referem ao bairro dessa maneira- é preciso passar por, pelo menos, algumas ruas dos bairros Cidade Aracy I e II, pois sua única forma de acesso é através desses dois bairros. Se comparado com outros bairros da cidade, as dimensões geográficas do Antenor Garcia podem ser consideradas como relativamente pequenas: são 1654 lotes distribuídos em sete ruas e duas avenidas, distantes a 45 minutos do centro da cidade, via transporte público, num total de uma população superior a 3.014 habitantes. É muito difícil precisar a quantidade de pessoas residentes no bairro, pois parece haver um fluxo relativo de moradores: pessoas, ou até mesmo famílias inteiras, deixam o bairro, geralmente para irem morar com parentes em outros bairros da cidade, ou em outras cidades. Há também o movimento contrário: constantemente o bairro recebe migrantes, em grande parte moradores de fazendas, provenientes do Estado do Paraná e Minas Gerais.

Um exemplo desse “movimento” de moradores é a história de Graci, uma das mulheres que mais tive contato no bairro. Mãe de uma menina de 08 anos e avó (e responsável pela educação) de 3 crianças, migrante do Paraná, morava no Antenor há 10 anos. Depois de dois meses sem ir ao bairro e, portanto, sem contato com o lugar, quando voltei não encontrei mais a família no domingo, como costumava fazer porque Graci e as crianças haviam passado um cadeado na porta da casa de dois cômodos e tinham, segundo informações dos vizinhos, “voltado lá pro Paraná”. Isso foi em maio de 2004 e em setembro do mesmo ano a família voltou a viver no Antenor Garcia. Também Pombo, filho de Dona das Neves havia se mudado, em menos de 2 meses, para dois bairros diferentes em São Carlos, para um mês depois de mudar para a cidade de São Paulo. Essa movimentação de pessoas, em grande parte, é resultado da procura de “uma vida melhor”, fato que pode ser explicado tanto pela possibilidade de se arrumar um emprego em outro lugar, quanto pelo casamento. Essa situação se assemelha à descrita por Fonseca (1995) sobre a movimentação de crianças no interior da família pobre: haveria uma tendência de se deixar as crianças, em grande parte motivada pelas dificuldades financeiras, morando com parentes distantes ou não do local de moradia dos pais.

Outro elemento que talvez explique esse trânsito de pessoas no bairro é o acolhimento, provisório ou não de parentes e amigos na casa. Fonseca, em outro trabalho sobre a família pobre (2000) utilizou o termo “parentes agregados” para designar os parentes, mas no caso observado pode-se estender também a amigos, que são abrigados em casas alheias, temporariamente ou não. Isso ocorre quando a pessoa agregada “não tem mais pra onde ir”, fato que, em geral, decorre ou da migração ou da separação entre casais.

Todas as ruas do bairro são asfaltadas e as casas, na sua maioria, são feitas de alvenaria, com rede de água e esgoto. Na rua 7, no entanto, há uma concentração de casas semelhantes a barracos, feitas de madeira e latas de tinta velhas e de casas com terrenos irregulares. Essa rua, segundo vários moradores é onde se concentram “os mais pobres” do bairro, além de ser o lócus da bagunça, “das coisas erradas”.

É também nessa rua que está localizado o “salão da igreja”, isto é, um salão construído pelos moradores com verba da igreja católica Rosa Mística e adaptado como centro comunitário pela prefeitura: local onde ocorrem praticamente todos os eventos do bairro, desde o trabalho de pesagem da Pastoral da Criança, entrega de cestas básicas, doadas por paróquias de outros bairros, casamentos e aulas de catequismo, até atividades desenvolvidas pela prefeitura<sup>70</sup>.

Outro pólo de “serviços oferecidos” à população é a escola municipal Arthur Natalino Deriggi, próxima ao bairro, apesar de estar situada no Cidade Aracy II.. A escola funciona como uma espécie de sede para a instalação de vários programas assistenciais e recreativos destinados às crianças, na maioria das vezes para “evitar que elas fiquem na rua no período que não estão estudando, porque você sabe como é aqui né” (Nilson, diretor da escola em 2004).”Lá no Deriggi”, como dizem os moradores, também ocorrem atividades, nos fins de semana, destinadas, aos demais moradores<sup>72</sup>.

---

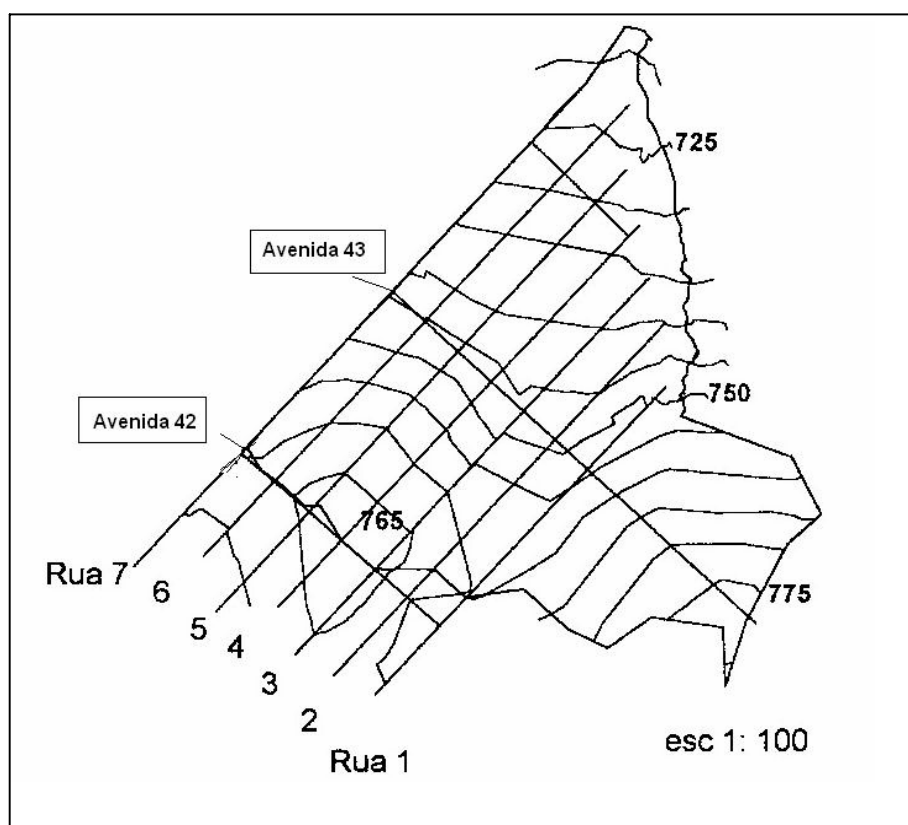
<sup>70</sup> No ano de 2004 essas atividades estavam voltadas para o ensino de corte de cabelo, pintura em tecidos, fabricação de pão (projeto Padaria Artesanal), bordado e ginástica.

<sup>71</sup> No ano de 2004 houve o fechamento da Igreja Universal do Reino de Deus no bairro. No ano de 2005 inauguração, no centro da cidade de um grande templo.

<sup>72</sup> No ano de 2004, ainda sob direção do sr. Nilson, a escola contava com uma série de programas e cursos, entre os quais: Curso de corte e costura e almoço comunitário aos sábados. Aos domingos a escola era usada como vestiário do campo de futebol do bairro Aracy II.

Ademais, há uma associação de moradores do bairro cuja forma de trabalho é bem particular. O presidente da associação – *Seu Totonho* – parece agir como um intermediário entre os moradores do Antenor Garcia e o centro da cidade, pois tem como função retirar documentos para os moradores nos órgãos competentes, arranjar passes, pagar o velório caso a família não tenha condições, entregar currículo dos moradores em outros bairros. Para que isso seja possível, no entanto, há associações com determinados vereadores que “ajudam em pequenas coisas”.

**Figura 3 – Mapa do bairro Antenor Garcia**



Fonte: adaptado de GASPAR (2000)

Fora isso, há uma quantidade expressiva de bares (por volta de 1 para cada 100 habitantes) e cerca de nove tipos de igrejas diferentes, sendo uma católica e o restante pentecostais<sup>73</sup>. Há pequenos estabelecimentos comerciais, geralmente instalados na própria

<sup>73</sup> Em 2004 houve o fechamento da Igreja Universal do Reino de Deus no bairro. No ano de 2005 inaugurou-se, no centro da cidade, um grande templo.

casa do proprietário e três mercados, nos quais as compras do mês são feitas pela maioria das famílias.

Não há no bairro nenhum equipamento de lazer público, tais como praça ou campo de futebol. No ano de 2004 a prefeitura de São Carlos inaugurou uma quadra de futebol de areia no bairro Cidade Aracy II, que, por ser bem próxima ao Antenor, acabou sendo “incorporada” ao bairro. Essa ausência de investimento em equipamentos institucionais no bairro e conseqüente implantação no bairro mais próximo (Aracy II), segundo a secretaria de habitação da cidade, é explicada pelo fato de não haver no local áreas públicas para tanto. Isso porque as áreas livres são consideradas impróprias para ocupação.

A população em sua maioria é negra ou afro-descendente, migrante e com baixa escolaridade, havendo um expressivo número de mães de famílias analfabetas. O trabalho rural é o que mais predomina no bairro: os moradores trabalham ou na colheita da laranja e café, ou no corte de cana em plantações afastadas da cidade. Esses trabalhadores “bóias – frias” recebem cerca de R\$ 10,00 por dia trabalhado, com registro de trabalho temporário na carteira de trabalho. Além dessa atividade, é comum trabalhar como servente de pedreiro, catador de sucata e ir “catar frango”<sup>74</sup>. Outras importantes fontes de renda no bairro são os auxílios provenientes do Governo, tais como a Renda Mínima e a aposentadoria.

A descrição desses dados preliminares do bairro Antenor Garcia talvez já seriam suficientes para caracterizá-lo como uma periferia numa perspectiva mais urbanista, pois além de estar situado em uma região de difícil acesso e distante da área central – a Cidade Aracy – o bairro também foi construído em um terreno com o solo, em partes, impróprio para o uso habitacional, fato que se reflete no atual problema de erosão das áreas livres do bairro (GASPAR, 2000) e na impossibilidade de construção de novos equipamentos urbanos<sup>75</sup>. Num viés mais sociológico, o bairro pode ser considerado como sendo de periferia, já que, numa análise comparativa com a região central, a região Cidade Aracy

---

<sup>74</sup> Essa atividade consiste em trabalhar em granjas de frango como carregador do caminhão.

<sup>75</sup> Segundo laudo técnico da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano, da prefeitura de São Carlos, no bairro Antenor Garcia a área restante não é apropriada para o uso habitacional/ institucional.

abriga parte da população de menor escolaridade e renda da cidade de São Carlos<sup>76</sup>, ocupantes dos piores postos de trabalho.

Mas, conforme pude observar ao longo da pesquisa, pensar a periferia apenas por esses elementos, geográficos e de exclusão, parece não contemplar as representações que os moradores do Antenor Garcia fazem do seu bairro e da região Cidade Aracy. Uma das primeiras coisas que mais me chamou a atenção quando comecei a trabalhar no Antenor Garcia foi a constante reclamação de discriminação que o bairro sofria “na cidade”. Isso era sentido, de forma direta, quando algum morador precisava procurar emprego, pois

“o povo lá da cidade não emprega a gente aqui do Antenor, não sei, acho que eles tem medo da gente, sei lá. Mas é batata, se você coloca que mora aqui na ficha, o próprio vigia, na hora que você vira as costas, ele rasga a tua ficha e você nem vê a sombra do emprego.”

Patrícia, moradora há 5 anos do Antenor Garcia.

Esse “ter que mentir o endereço para se conseguir um emprego na cidade” e os “conselhos” para ter cuidado que eu sempre ouvia quando falava que trabalhava no Antenor Garcia apontavam para a possibilidade da existência de um quadro de representações do bairro e da própria cidade. Priorizar as avaliações que os moradores faziam de seu local de moradia e dos bairros vizinhos significou deslocar o ponto de análise para uma conceitualização da periferia num nível mais simbólico, considerando-a como uma categoria de análise.

---

<sup>76</sup> Os dados são de uma pesquisa anterior e baseiam-se em dados da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano/ São Carlos/SP. Ver ÁVILA (2003)

## ‘A voz do povo é a voz de Deus’

---

### Capítulo 4 “Ser ou não ser, Eis a questão?”

*“Até posso trabalhar de graça,  
mas para pobre, não pra gente  
do centro. Se ela (a patroa) quer  
me pagar um salário mínimo,  
prefiro ficar em casa. Lavar  
banheiro, calcinha, ser  
maltratada? Prefiro ficar em  
casa.”*

**Bete**, moradora do bairro  
Antenor Garcia.

### Licença!\*

Quando decidi estudar o bairro Antenor Garcia não sabia absolutamente nada sobre o lugar. Bastou fazer algumas perguntas “como quem não quer nada”, aqui, outras acolá para descobrir que era um dos bairros mais pobres e, por isso mesmo, ‘famoso’ na cidade.

Também eram comuns os comentários para eu ter cuidado, se possível evitar “ir lá praqueles lados do Aracy”. Antes mesmo de visitar o bairro, já tinha certeza de que iria encontrar um bairro de periferia: casas pobres, péssimas condições de vida e de infraestrutura, “um lugar afastado” e violento. Por fim, sentia um certo receio. Por várias coisas, mas também pelo medo de me acontecer algo ruim<sup>77</sup>.

Uma outra razão da apreensão era a necessidade que eu sentia de estabelecer contato, ter, de alguma forma, acesso às pessoas, às suas casas, pois não tinha nenhuma referência, não conhecia nenhum morador, nem ao menos sabia como chegar ao bairro<sup>78</sup> Ao

---

\* Geralmente antes de se entrar em uma casa no Antenor Garcia, as pessoas pedem licença, a qual, na maioria das vezes, vem acompanhada do pedido para “não reparar na bagunça”, feito pela dona da casa.

<sup>77</sup> Esse meu receio pode ser entendido como resultado dessa imagem ruim que se faz quando falamos em periferia.

<sup>78</sup>Essa questão do acesso parece comum na literatura acadêmica sobre periferia/favelas. Nos estudos realizados em grandes favelas é aconselhável que o pesquisador conheça algum morador, antes de entrar no bairro. Também a “entrada” na periferia foi bem descrita nos trabalhos sobre o tema, talvez por problematizar a questão do preconceito e medo que se tem quando se fala em periferia. Ver capítulo 1, ZALUAR (1985); MAGNANI (1984), CHAVES (1999).



contrário do que imaginava, praticamente não encontrei resistência por parte dos moradores em conversar sobre o bairro, em me receber em suas casas para um café. Sempre houve uma grande hospitalidade e uma certa “boa vontade” em minhas longas e, muitas vezes, cansativas perguntas. Também não encontrei nenhum problema em caminhar pelas ruas e fazer minha pesquisa, o “tal” perigo que tanto me falavam em nenhum momento se tornou real.<sup>79</sup>

O grupo, no entanto, que eu mais consegui estabelecer diálogo foi com as mães /donas de casa. Pude conviver com várias famílias e com diferentes parentes, em geral porque quando ia fazer uma visita à dona da casa, acabava por conversar com o filho, com a irmã ou com o marido, fato que me ajudou a perceber visões diferentes sobre algumas questões. Minha pesquisa então foi basicamente feita dentro de casa, pois era esse o lugar que eu mais encontrava minhas “informantes”. Não consegui muito contato com os homens e jovens fora dos limites da “casa da mãe”, talvez por ser mulher e estudante universitária. Percebi que essas minhas características ao passo que me distanciava das adolescentes e dos homens, ajudaram-me a conseguir contato com as mulheres, mães de família e donas-de-casa, entre outra coisa porque elas se “sensibilizavam” com minha situação de estudante: estava sozinha em São Carlos, distante da minha família. Eu também não era casada, não tinha filhos, sequer um namorado. A minha “solidão” foi entendida como sendo algo que me fragilizava e ajudou a quebrar a nítida diferença de meio social<sup>80</sup>. Por algumas vezes escutei observações parecidas com esse comentário de Albertina:

“a vida de estudante é difícil, né. Nossa, tem tanto que estudar e ainda ficar longe de todo mundo, da sua mãe, da sua família. Eu não iria gostar, mas fazer o que né, precisa estudar.”

---

<sup>79</sup> Não estou negando, com isso, a existência de atos de violência no bairro. Escutei muitos relatos sobre a violência, tanto física, como simbólica vivenciada no bairro e na região. Mas não presenciei nenhum fato concreto e em nenhum momento senti-me ameaçada.

<sup>80</sup> Apesar disso, nunca fui vista como uma igual. Ao contrário, as diferenças de realidades sociais eram nítidas e várias vezes foram problematizadas, tanto por mim, como pelas moradoras. Uma situação exemplifica esse reconhecimento da diferença: eu estava na casa de dona Das Neves e após jantar com a família, decidimos beber uma cerveja, cantar e tocar violão, mas eu não conhecia as músicas que estavam me pedindo para tocar. Então Albertina me perguntou se nós estudantes só ouvíamos aquelas músicas enjoadinhas e em seguida seu irmão Erinaldo me fez a seguinte pergunta: “Por que vocês não ouvem isso que a gente ouve? Essas músicas como Teodoro e Sampaio, Amado Batista?”. Como resposta comecei a tocar uma música do Roberto Carlos e logo todos estavam cantando a música do “rei”.

**Albertina**, 21 anos, grávida de 5 meses e mãe de *Luzinho*, 3 anos.

Ao passo que comecei a conhecer melhor algumas famílias, percebi que minhas visitas deixaram de ser vistas apenas como visitas de trabalho, pois eram esperadas e até disputadas por algumas mulheres. Certa vez recebi, num tom meio sério, meio de brincadeira, o seguinte aviso:

“Se eu descobri que você veio aqui na vila (Antenor Garcia) e não veio me visitar, vou ficar zangada. Se você for lá na casa da Leninha e nem passar aqui, vou considerar uma desfeita.”

**Dona das Neves**, 45 anos, mãe de 07 filhos vivos, 08 já falecidos e avó de 5 crianças.

O fato de eu estar fazendo uma pesquisa no bairro, por conta de cursar uma universidade também me ajudou na busca de informações num nível mais institucional. Consegui acesso ao posto de saúde com grande facilidade e percebi que ao pedir para falar com o único médico que trabalhava no bairro, esse, mesmo estando com “a agenda muito lotada”, se dispôs a “demonstrar o ótimo trabalho que se fazia no bairro”<sup>81</sup> Também consegui com certa facilidade acesso à escola municipal Arthur Natalino Deriggi, às secretarias municipais da prefeitura de São Carlos e à irmã de Airton Garcia, loteador e fundador do bairro Antenor Garcia.

Mas se minha condição de estudante ajudava no contato com as mães e no acesso a informações institucionais, trouxe-me certa restrição ao trabalho desenvolvido pela Pastoral da Criança<sup>82</sup>. Meu primeiro contato com o centro comunitário do bairro foi através do

---

<sup>81</sup> O contato com o médico responsável, Dr. Vinícius foi muito interessante. Eu estava com mais duas estudantes de fisioterapia e assim que entramos em sua sala, o médico pediu que o funcionário da guarda municipal fizesse parte da reunião, para demonstrar que “ali (no posto) a guarda municipal também fazia parte da equipe do P.S.F, pois só de colocar a farda, já impõe respeito. O povo aqui tá acostumado com a bagunça, mas vê que tem guarda, já vê que aqui tem ordem”. Além desse comentário, o médico ficou, o tempo todo, testando nossos “conhecimentos”, já que éramos estudantes.

<sup>82</sup> A Pastoral da Criança foi criada em 1983 pela Igreja Católica com o objetivo de combater as altas taxas de mortalidade infantil no Brasil, provocadas principalmente pela diarreia. Atualmente está distribuída em bairros pobres de todo o país e tem como principal função combater a desnutrição de crianças de 0 a 6 anos. A dinâmica do trabalho consiste em capacitar líderes comunitários que residem na própria comunidade para mobilização das famílias nos cuidados com os filhos. Isso se dá de duas formas: 1) Visitas domiciliares

acompanhamento da pesagem de crianças, realizada duas vezes por mês. Depois do primeiro encontro, comecei a visitar todas as reuniões, pois como havia bastante número de mães presentes, conseguia, vez ou outra, um convite para tomar um café, ou até mesmo almoçar, fato que me ajudava a estabelecer mais um novo contato. Mas passados alguns meses de pesquisa, a responsável pela pastoral no Antenor proibiu minha ida às reuniões e pediu que nenhum integrante da equipe de pesagem falasse comigo sobre o trabalho realizado. Só depois de algumas recusas descobri qual tinha sido meu erro: não havia aparecido no bairro no final do ano para ajudar na organização e distribuição de presentes para as crianças. Esse fato, segundo a dirigente Iraci

“mostrou que eu só queria fazer que nem os outros universitários. Eu ia lá, perguntava, descobria as coisas e não fazia nada para melhorar a situação do bairro, a vida das pessoas. Trabalho assim aqui está cheio.”

Ouvir esse comentário crítico além de indicar a perda de um contato interessante, despertou uma série de dúvidas sobre o fazer acadêmico e a relação estabelecida com bairros carentes como o Antenor, por exemplo. Apesar de ter tentado explicar a importância de meu trabalho e minhas “boas intenções”, meu relacionamento com a Iraci e com a Pastoral, embora tenha permanecido tenso, indicou-me novos caminhos para entender alguns símbolos que compunham as representações que os moradores faziam de seu bairro e sobre a postura ética que eu deveria assumir.

### **Visões de um mesmo lugar: um exercício de relativização**

Os insistentes comentários que ouvi durante minha pesquisa sobre o bairro Antenor Garcia e a região Aracy despertaram minha atenção por várias razões. Mas depois que recebi a seguinte sugestão do vigia da escola Arthur Natalino Deriggi, comecei a pensar melhor na questão:

“Você quer uma sugestão? Pega alguém lá no centro e pergunta se ele gostaria de morar no Antenor Garcia. Você vai escutar um ‘Deus que me livre’, ninguém quer.”

**Marcos Basílio**, trabalha no Antenor Garcia,  
mas mora no bairro Santa Felícia

---

mensais; 2) Pesagem das crianças e distribuição da “mistura” para os desnutridos. Para maiores informações, ver [www.pastoraldacrianca.org.br](http://www.pastoraldacrianca.org.br)

Achei uma boa idéia e decidi fazer uma pesquisa sobre a imagem que o Antenor Garcia e os bairros da região Cidade Aracy despertavam em outros moradores da cidade de São Carlos, a fim de entender as representações sobre o bairro, criadas fora de seus limites<sup>83</sup>.

O fato que mais me chamou a atenção nas entrevistas foi a recorrência, na maioria das vezes, de uma visão negativa do bairro Antenor Garcia e da região Aracy, pautada, em grande parte, numa experiência indireta, ou seja, as pessoas falavam dos bairros com bastante ênfase, sem ao menos conhecer o lugar. A maioria dos entrevistados nunca havia estado lá e, “nem pretendia”, como costumavam salientar. A razão dessa recusa em conhecer o bairro parece estar associada, ou ao medo que sentiam do lugar, ou porque “não havia motivo para *descerem* para aqueles lados”. Segundo Juliana, moradora da região central de São Carlos:

“Nunca fui lá no Antenor Garcia, mas sei que fica lá junto com o Cidade Aracy. Nunca fui lá porque não tenho porque, eu trabalho pra outro lado (Cidade Jardim) e minha família mora no Jacobucci, então vou fazer o que lá? Só se for pra fazer alguma caridade, porque o que mais tem lá é pobre.”

A distância e o afastamento também foram apontados como características da região Aracy e o declive que separa a região dos demais bairros da cidade de São Carlos é percebido e aparece nas falas de maneira indireta:

“O pessoal *lá de baixo*, lá do Aracy, Antenor, bom, acho que eles são os mais pobres de São Carlos”.

**Patrick**, designer e morador da área central.

Nesse caso além da referência espacial, outro elemento que define o bairro é a pobreza, fato que se repete em outras frases sobre os bairros:

“ Quem mora lá no Antenor, junto com o Gonzaga e o Aracy são os mais pobres, vivem tudo de ajuda dos outros.”

**Dona Lola**, moradora do bairro Santa Mônica.

---

<sup>83</sup> Dividi a amostra por bairros: considerei as respostas de moradores da área central e da Vila Prado, do bairro Jardim Gonzaga (periferia) e do bairro Santa Mônica, bairro onde há concentração de classe média/alta. Além disso, fiz um levantamento nas principais postos de emprego da cidade.

Em geral as pessoas destacavam a pobreza e violência da região, mas seus comentários, poucas vezes, estavam pautados numa experiência vivenciada. O que costumavam comentar eram acontecimentos que eles ouviram falar:

“No Antenor, eu não gosto nem de falar. Nossa! Lá não dá pra ir, é perigoso. A empregada da minha mãe mora lá para aqueles lados e esses dias quando ela voltou para casa, não encontrou nada, tinham roubado tudo.”

**Marina**, estudante universitária,  
moradora do bairro Santa Mônica

“O que a gente mais vê na página policial do jornal é notícia do Antenor. É lá e na favela do Gonzaga os piores bairros da cidade e se eu fosse você mudaria de lugar para pesquisar. Onde já se viu, tanto lugar pra estudar, vai se meter justamente lá.”

**Seu Jair**, morador da Vila Luftania e meu vizinho.

Mas, apesar de afirmarem que era preciso tomar cuidado com esses bairros porque eram violentos, quando eu perguntava porque os julgavam perigosos, alguns entrevistados não sabiam me dizer exatamente o motivo, nem em que nível se dava essa violência, apenas afirmavam algo do tipo:

“É melhor não pagar pra ver. A gente ouve falar tanta coisa daquela região, sai sempre notícia no jornal.”

**Patrícia**, dona de casa e moradora da Vila Prado

Para outros entrevistados a idéia de violência estava associada ao fato do bairro Antenor Garcia e, em certa medida, a região Aracy serem considerados um dos pontos de venda de drogas da cidade:

“Todo mundo sabe que ali no Antenor, no Aracy a droga corre solta. Tem sempre polícia lá, pega um hoje, solta outro amanhã, é assim que as coisas acontecem.”

**Carlos**, morador da área central e advogado.

“Aqui é um bairro muito perigoso. É muito tráfico, bandido. Vem também muita gente de fora, de outro Estado.”

**Marcos Basílio**, vigia da escola Deriggi,

mas mora no bairro Santa Felícia

Outro elemento que pude perceber, tanto nos relatos dos moradores entrevistados, como entre os funcionários da prefeitura foi o fato de muitas vezes, o bairro Antenor Garcia ser confundido com os bairros da região Cidade Aracy, isto é, para muitos moradores da cidade de São Carlos não há diferenças entre os bairros formadores da região Aracy, pois são vistos como sendo “tudo Aracy”. Um exemplo dessa questão foi a conversa que tive com a assistente social Mara, da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, prefeitura de São Carlos. Quando perguntei sobre o bairro Presidente Collor, ela me afirmou que para a secretaria esse bairro não existia, era considerado como extensão do bairro Cidade Aracy II. O mesmo ocorreu com o Antenor Garcia: ao questionar porque não havia um serviço de plantão de assistência social no bairro, Mara me respondeu o seguinte:

“Não tem porque já temos dois postos no Cidade Aracy (I e II). Lá acaba sendo um bairro só, não tem divisão.”

O mesmo tipo de pensamento se verifica na frase de Alberto, engenheiro da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano:

“Eles (os moradores da região Cidade Aracy) lá fazem diferença entre os bairros, mas a gente aqui não, porque é tudo Aracy, um bairro só. É o mesmo mapa.”

Por fim, parece haver consenso em afirmar que estamos falando de bairros de periferia:

“Se você quiser conhecer a periferia de São Carlos, é só ir visitar a favela do Gonzaga e o Cidade Aracy. Ali você encontra de tudo: droga, um matando o outro, tem de tudo.”

**David**, segurança particular e morador do bairro Maria Stella Fagá.

“Os pais das crianças procuram na escola tudo o que eles precisam, desde óculos até cesta básica. Aqui, minha filha, a situação é difícil, as crianças são muito carinhosas, mas a carência é demais, é um bairro de periferia né.”

**Adriana**, assistente de direção da escola Deriggi e moradora do bairro Vila Prado.

Embora não tenha trabalhado com moradores de todos os bairros da cidade de São Carlos, através dessa pequena amostra podemos observar que a violência e a pobreza são os elementos mais usados para definir os bairros da região Cidade Aracy<sup>84</sup>. Esses bairros, em geral, são percebidos como “um lugar que não se deve ir”, pois representariam o perigo e o medo. Também são considerados, junto com a “favela” do Gonzaga, a “periferia” de São Carlos.

## **Periferia são os outros**

Se para alguns moradores da cidade de São Carlos, ou mesmo para mim o Antenor Garcia era classificado como sendo uma periferia, quando deslocamos o foco da pesquisa e priorizamos a visão que os próprios moradores fazem de seu bairro, da região vizinha e da cidade de São Carlos, a situação descrita acima é entendida em outros termos. Magnani, em um artigo de 2001, chama a atenção para a importância do desenvolvimento, por parte do antropólogo, de um olhar *de perto e de dentro* em investigações nas cidades contemporâneas, marcadas pela fragmentação e heterogeneidade de atores sociais. Esse olhar particularizado, no entanto, deve ter como base os arranjos criados pelos atores sociais, ou seja, deve priorizar

“as formas que os atores se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos e estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas (...)” (op. cit., p. 12)

Nesse sentido, a imagem que os moradores do Antenor Garcia fazem de seu local de moradia, da região Cidade Aracy, bem como da cidade é diferente da observada entre os moradores de vários bairros de São Carlos. No período que realizei a pesquisa de campo,

---

<sup>84</sup> É evidente que esta visão negativa não pode ser generalizada a todos os moradores da cidade de São Carlos. Em minha pesquisa também encontrei, em menor proporção, casos de pessoas que mesmo morando em outros bairros, não tinham a mesma visão pejorativa da região Aracy. Um exemplo foi a conversa que tive com Lúcia, moradora do bairro Santa Mônica e professora da UFSCar. Para Lúcia: “há muito preconceito com esses bairros, o pessoal aqui (bairro Santa Mônica) diz que eles são violentos, mas pergunta de onde é a maioria das empregadas domésticas que tem aqui. É tudo do Aracy, Antenor.”

uma das reclamações que eu mais escutei, além do “preço alto da passagem de ônibus”, foi relacionada com a discriminação que “o povo da cidade” tinha com o bairro. Essa idéia se manifestava mais claramente à medida que conversávamos sobre assuntos relacionados com o trabalho, ou melhor, sobre como conseguir “arranjar um serviço”. Ouvi certa vez de um rapaz que estava desempregado há alguns meses e já tinha feito ficha em vários lugares diferentes:

“É difícil viu, nem te conto. Eu agora vou fazer que nem fez o Baixinho (seu vizinho). Ele só arranjou emprego lá na Electrolux porque falou que morava em outro lugar, deu o endereço de uma tia dele que mora no Pacaembu, porque se você coloca que mora aqui no Antenor, eles não chamam não. Taí, você pode ver, o quanto eu não rodei São Carlos atrás de alguma coisa, já fiz ficha em tudo que é lugar e nada.”

**Pedro, 23 anos.**

No Antenor Garcia um dos sérios problemas que uma boa parcela das pessoas residentes enfrenta é a falta de emprego ou mesmo de “um serviço”, como é costume dizer. As atividades econômicas que predominam no bairro são as ligadas ao meio rural<sup>85</sup>: trabalho na colheita de café e laranja em fazendas distantes da cidade; corte de cana e trabalho em granjas afastadas do bairro. O trabalho é sazonal, isto é, as atividades não são constantes durante todo o ano, já que dependem do tempo de colheita de cada safra, o que explica o fato de muitos moradores permanecerem desempregados por alguns meses ao longo do ano. Além disso, esses trabalhadores, se comparados com o padrão econômico das principais atividades desenvolvidas em São Carlos, são os mais mal remunerados da cidade, com uma renda mensal inferior a um salário mínimo.

---

<sup>85</sup>Embora haja um contato muito forte com o meio rural, proveniente do trabalho nas colheitas e das experiências vividas antes da migração, o bairro Antenor Garcia não pode ser considerado como sendo um bairro rural. O bairro rural, segundo Queiroz, é marcado, dentre outras coisas, pela presença de camponeses que trabalham e moram em área rural. Para maiores informações, ver QUEIROZ (1973).



A explicação mais corrente que os moradores dão para o fato de ocuparem esses postos de trabalhos, ou mesmo para justificar a dificuldade que encontram em arranjar um emprego<sup>86</sup> é a discriminação que sofrem por serem moradores do bairro Antenor Garcia. Um exemplo deste pensamento é a frase de dona Das Neves comentando sobre o desemprego do filho mais novo:

“Os palhaços da cidade têm preconceito com a gente aqui. Eles são egoístas. Você quer um exemplo disso que eu tô te falando? O Aluísio colocou o endereço da mãe dele e foi chamado no mesmo dia. Não pode pôr do Antenor.”

Outro exemplo foi a conversa que tive com dona Margarida, mãe de dois filhos e desempregada<sup>87</sup>. Um dia a encontrei na porta de sua casa e começamos a conversar. Logo ela me falou que não se acostumava a “ficar parada”, pois “tinha trabalhado a vida toda na roça”. Quando perguntei porque ela não estava trabalhando, me respondeu:

“ Não tem emprego pra gente daqui do Antenor. O bairro tem má fama, as pessoas têm preconceito com a gente. Assim que você fala que é daqui do Antenor, já vem aquela má idéia.”

Essa idéia de preconceito contra o bairro é, segundo os moradores, estendida às pessoas que vivem no Antenor Garcia e justifica a dificuldade que encontram, quando fazem ficha “na cidade”, para ocupar postos de trabalhos diferentes dos relacionados com

---

<sup>86</sup> Quando os moradores se referem a um emprego, estão pensando em um trabalho com carteira assinada, “um trabalho fixo, como numa fábrica”.

<sup>87</sup> A família, composta pela mãe e dois filhos, passa o mês todo com a cesta básica que ganham da Dona Leda, uma senhora que faz um trabalho, junto com outros integrantes da Igreja São Judas Tadeu, de distribuição de cestas básicas para algumas famílias cadastradas.

as atividades rurais<sup>88</sup>. É também injustificada: fala-se muito mal do bairro, mas sem razão.

“O perigo está em todo lugar, pode estar até no centro”, me disse Iraci quando perguntei se o bairro era violento.

Isso porque o Antenor, para as donas de casa, numa avaliação mais geral, é considerado um bom lugar, apesar da ”pobreza do povo”e “das coisas erradas que às vezes acontecem”, mas isso também era visto como estando presente em qualquer lugar. Conversei tanto com antigas moradoras, como com moradoras que estavam há menos de um ano no bairro e, independente do tempo de moradia, todas as mulheres concordavam que o bairro Antenor Garcia não era uma periferia. Na verdade a palavra periferia quase não era usada por essas moradoras, entre outras razões porque era entendida como sendo algo muito distante do que elas viviam:

“ a gente vê mais é falar na televisão. Vez ou outra a gente vê as coisas que acontecem, mas é mais coisa lá de São Paulo, de cidade grande. Tem o Rio de Janeiro, ali o povo sofre mesmo, é bala perdida, droga, é como se diz, muita violência né.”

**Preta, 45 anos.**

Mas, mais do que uma simples negativa, percebi que muitas vezes minha pergunta era sentida como uma ofensa e despertava um sentimento de indignação, tais como essa frase de Cícera:

“Imagina! O povo fala demais, aqui não é assim do jeito que se fala, não. Tem muita gente boa aqui. Claro, tem os que não prestam, mas aqui não é assim como se diz, uma periferia.”

---

<sup>88</sup> A maior prova dessa discriminação, segundo, dona Maria, é o fato dos moradores só arranjam serviço fora dos limites da cidade. “Você quer prova maior do que essa? Ter que sair da cidade pra arranjar serviço. Isso por si só já fala pra gente que “a cidade não quer quem mora no Antenor”.

A palavra favela, à semelhança da palavra periferia, também despertava uma série de elementos negativos, mas era usada para se referir a um outro bairro de São Carlos:

“o pessoal lá da favela do Gonzaga<sup>89</sup>, ali as mulheres sofrem viu, é polícia, bandido. As mães tem tudo medo dos filhos virarem bandido. Eu tenho uns conhecidos lá, ele me contam como é.”

**Nadir**, 35 anos

Essa espécie de aversão que as mulheres pareciam ter pelos termos favela/periferia, tornava-se mais claro à medida que observei muitas “brigando” com os filhos porque eles ouviam e gostavam de rap. Um dia presenciei Jéssica, uma menina de 8 anos, cantando uma música de rap, em seguida sua mãe me disse:

“Não sei o que eu faço com essa menina, fica ouvindo essas coisas. Não gosto disso, fica ouvindo isso, esses cantor só sabe falar de crime, ensina coisa que não deve.”

**Maria**

“ Minha mãe tem cada coisa viu, fica me enchendo pra não ouvir rap. Fala que é coisa de gente que não presta, que assim eu vou acabar que nem bandido.”

**Juliana**, 16 anos

Essas afirmações se tornam mais claras à medida que entendemos as representações que os moradores fazem de seu bairro, pois parece haver um consenso em alegar que os moradores sofrem preconceito porque “a cidade” pensa que o bairro é muito perigoso. A periferia para as mães é entendida como sendo um lugar, “onde as coisas erradas acontecem”. Essa expressão reúne uma série de significados: pode significar tanto um lugar

---

<sup>89</sup> O bairro Jardim Gonzaga é um caso muito interessante porque para muitos moradores da cidade de São Carlos é considerado uma favela, mas num levantamento que fiz no bairro, percebi que para os moradores mais velhos, o bairro não era uma favela, mas alguns jovens gostavam de afirmar que eram da “favela do Gonzaga”.

violento, “sem respeito nenhum, o povo se mata por nada”, como também pode ser entendido como o local:

“onde a droga rola solta, todo mundo usa, é um horror, Deus que me livre.”

**Dona Josefa, 63 anos.**

Dentro dessa lógica, o Antenor Garcia não se configuraria como uma periferia, pois, segundo os moradores, o bairro atualmente “é bem mais calmo”. A violência que “deu fama ao bairro” seria coisa do passado, pois agora “as coisas estavam mudando” e um dia o bairro seria tão bom “quanto os lá de cima”. Quem me disse isso foi Pombo, filho mais velho de dona Das Neves. Para ele, e depois pude confirmar com outros moradores, o bairro está melhorando, mas vai ficar melhor ainda, pois

“Aqui o Antenor, você vai ver, vai ser ainda o melhor bairro da cidade. Todos os bairros começam assim: é como uma casa, primeiro vem a base, depois a casa. Então primeiro vem os pobres (nós aqui), depois vai melhorando. Foi assim com a Vila São José, Santa Felícia. No começo não tinha nada, agora são uns puta duns bairros.”

**Pombo, 27 anos, ajudante de pedreiro.**

Nas várias entrevistas que realizei com os moradores mais antigos é muito comum, ao olharem para o passado, uma avaliação positiva do bairro atualmente. O Antenor Garcia, se comparado com o que já foi, é um bom lugar para se viver, pois

“Quando eu me mudei pra cá, você pensa que tinha água, luz? Nada, não tinha nada, só mato mesmo. Agora quem vê nem acredita, vixe, mudou muito.”

**Seu Agenor, mora há 12 anos no bairro**

Antigamente não era pior só porque não havia condições de infra-estrutura, mas também porque era um lugar muito mais violento<sup>90</sup>:

“Antes isso aqui era só mato, tinha umas poucas casas. A vida era difícil, porque não tinha nada no bairro, depois começou a chegar muita gente. Daí a coisa complicou, eles roubavam a gente, fazia até buraco na parede. É minha filha, a coisa era feia.”

**Dona Zefina**, mora há 13 anos no bairro

“Na época dos Tapeceiros<sup>91</sup> a gente de vez em quando ouvia um tiro, mas era lá com eles, coisa de droga. Eles resolviam por lá mesmo. Vou te falar, pra mim eles nunca fizeram mal, pra te falar a verdade eu até gostava deles, nunca fizeram nada contra mim”

Várias vezes que conversamos sobre a violência do bairro, as mulheres, se num primeiro momento negavam que o bairro era muito violento, nos cuidados com os filhos eu pude perceber uma constante preocupação com a “violência do bairro”. Comecei a observar as preocupações que essas mães tinham, para entender as diferenças entre o que me era dito e o que era vivenciado e acabei entendendo que com as mães que eu tinham menos intimidade havia uma constante preocupação em que eu, por ser de fora, não pensasse que lá era um lugar perigoso, porque a fama do bairro já era muito forte.

---

<sup>90</sup> Provavelmente um dos elementos que possibilitam a construção de uma visão do passado como sendo pior do que o presente é o fato de que algumas das mães ou tiveram um filho assassinado no Antenor Garcia ou conheciam alguém que tinha tido parente assassinado. Quando perguntava o motivo das mortes, era comum ouvir que “eles se meteram com coisas que não deviam”, o que significa dizer que os filhos haviam se envolvido com drogas.

<sup>91</sup> “Os Tapeceiros” foi uma família de traficantes que surgiu no bairro por volta de 1992. O bairro, segundo os moradores, por muito tempo ficou sob o comando dessa família. Isso terminou com a prisão do pai e de dois filhos.

Nesse sentido as mães tentavam evitar que os filhos ficassem muito tempo na rua, uma vez que é no convívio da rua que

“esses meninos aprendem o que não deve. Esses vagabundos ficam aí na rua, você sabe fazendo o que né. (...) Ah, eles fumam droga, faz de tudo. Coloca o som no último volume e se você pede para abaixar, eles fingem que não te ouve.”

### **Graci**

Essa idéia de que é na rua que os filhos “aprendem o que não devem” tem uma estreita ligação com a visão que essas mulheres fazem da origem da violência no bairro. Parecia haver uma espécie de “explicação” para “as coisas erradas” que aconteciam no Antenor: o problema vinha de fora, “das pessoas que descem pra fazer bagunça”. Isso não significa dizer, no entanto, que as mães negassem a existência no bairro de pessoas “que causam problemas”. Essas pessoas existem, mas não estão só no Antenor, pois “tem gente boa e ruim em todo lugar” e no Antenor Garcia “todo mundo se conhece”<sup>92</sup>, pois é um bairro pequeno e a sociabilidade, mesmo entre as mães, dá-se na em grande parte do tempo nas casas dos vizinhos e nas ruas. Essa situação possibilita que as mães conheçam as pessoas que “não são boas companhias”:

“ A gente aqui sabe quem é quem, na minha casa nunca mexeram, porque eu levo na amizade, não fico discriminando. Eles lá, eu cá. Mas a gente sabe quem tem vida direita, quem não tem.”

### **Leninha**

---

<sup>92</sup> Embora tenha ouvido essa expressão muitas vezes, é claro que isso não se aplica integralmente. Dona Das Neves mesmo era um exemplo disso, pois mesmo morando há 13 anos no bairro, disse-me que não conhecia quase ninguém, pois como não gostava de se meter na vida dos outros e por isso mesmo não se misturava muito com outros moradores.

“ Aqui na vila a gente sabe quem é que vende drogas, é a P, lá da rua tal.<sup>93</sup> Depois que o marido dela foi preso, ela assumiu. “

Já foi dito que os bairros componentes da região Cidade Aracy são muito próximos uns dos outros e por mais que se conheça a região, os limites são muito tênues. Mas, se para a prefeitura ou mesmo para outros moradores de São Carlos, a região é entendida como sendo “tudo um bairro só”, para os moradores desses bairros, “cada um é cada um”<sup>94</sup>. Quando contrastado com os bairros Cidade Aracy I e II, há um sentimento de pertença e diferenciação: as pessoas afirmam que moram no Antenor Garcia e reclamam se algum morador, por algum motivo nega “de onde vem”<sup>95</sup>. Certa vez ouvi uma conversa entre duas moradoras da rua 7 e uma, num tom bem indignado disse à outra:

“Ah, esse povo daqui também viu, esses dias eu tava no ponto de ônibus lá no centro e vi uma mulher falando mal do Antenor Garcia, disse que aqui era um bairro ruim. Ela falou isso só porque a mulher que estava com ela era chique. O pior é que é gente aqui do Antenor, ela mora aqui e fica falando mal do bairro.”

Uma das possíveis razões da ênfase na diferenciação entre os bairros, conforme pude observar em algumas reuniões do Orçamento Participativo, é que para os moradores do Antenor a ausência de investimentos no bairro se explica porque

---

<sup>93</sup> A moradora, abaixando a voz, me falou o nome da pessoa, o nome da rua e até o número da casa, o qual, por motivos óbvios não posso reproduzir.

não se observa quando os moradores precisam procurar emprego. Nesse caso não só é permitido, como aconselhável negar que mora no bairro. Isso, para Magnani, não significa afirmar uma incoerência entre

<sup>94</sup> Ouvi essa expressão do Sr. Antônio, presidente da associação de bairros do bairro Antenor Garcia.

<sup>95</sup> É interessante perceber a ambigüidade do discurso: se o morador não pode negar que é do Antenor Garcia em conversas diárias ou mesmo quando se está conversando com pessoas de outros meios sociais, o mesmo <sup>96</sup> O bairro Presidente Collor quase não aparece nas falas dos moradores do Antenor. Muitas vezes é concebido como sendo uma extensão do Cidade Aracy II.

“a prefeitura pensa que o Antenor é o Aracy, daí só fazem os investimentos lá no Aracy e o povo do Antenor, fica sem nada. Por isso a gente tem que lutar para mostrar que cada bairro tem que ter os investimentos.”

**Antônio**, um dos delegados do  
bairro no OP de São Carlos.

Mas não é só num nível mais político que essa diferenciação se dá. Embora haja um intenso trânsito entre os moradores dos bairros pertencentes à região Cidade Aracy, a relação estabelecida entre os bairros é ao mesmo tempo de complementaridade e de disputa. Os moradores se referem aos bairros Cidade Aracy I e II<sup>96</sup> com familiaridade e, nas minhas primeiras idas ao Antenor, várias vezes confundi os bairros Cidade Aracy I e II com as ruas da vila. Isso porque é corrente chamar os bairros vizinhos apenas pelos números:

“Ah, fui lá na I visitar minha filha. O menino dela tá doente, fui dar uma ajuda.”

Achei estranho ela me falar que tinha ido à casa da filha na rua 1, pois desde que nos conhecemos, Mirian me dizia que tinha uma filha morando no Aracy I. Só depois que perguntei se a Jéssica havia se mudado pro Antenor pude entender que 1 e 2 eram os termos mais usados para se referir aos bairros Cidade Aracy I e II.

Mas se nos limites do bairro pode-se conhecer as pessoas, reconhecer e ser reconhecido, numa apropriação da categoria pedaço desenvolvida por Magnani<sup>97</sup> (1984; 1992; 2001), na região Aracy o mesmo não se verifica totalmente. Apesar das constantes idas ao Aracy I e II, - há inclusive um ônibus gratuito, durante o período letivo, para levar

---

<sup>96</sup> O bairro Presidente Collor quase não aparece nas falas dos moradores do Antenor. Muitas vezes é concebido como sendo uma extensão do Cidade Aracy II.

<sup>97</sup> O *Pedaço* foi uma categoria que surgiu da análise de um bairro de periferia de São Paulo. Tem dois componentes básicos: uma dimensão espacial e outra simbólica. “O termo na realidade designa aquele pedaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas pela sociedade”. (1984: 116)



as crianças até as escolas dos bairros Aracy I e II – e do estabelecimento de relações de amizade e parentesco, não se conhece e, de certa forma, não se domina a região tão bem como ocorre no bairro: o contato com o lugar e com as pessoas é mais individualizado<sup>98</sup>. Essa relativa falta de conhecimento mais apurado da região, segundo a lógica das mães, não permite saber ao certo quem é quem, fato que pode trazer más conseqüências, como os atos de violência do bairro, uma vez que o “mal vem de fora”. Esse fora, muitas vezes é uma referência aos bairros Aracy I e II, mas também podem significar toda a cidade, ou algum bairro específico de São Carlos.

### **O centro ou cidade?**

Conforme demonstrei no capítulo anterior, o bairro Antenor Garcia está localizado, juntamente com os bairros Cidade Aracy I, Cidade Aracy II e Presidente Collor, em uma região de difícil acesso e geograficamente afastada do restante da cidade de São Carlos, marcada por um grande declive. O único meio de entrar ou sair do bairro é passando por algumas ruas do Cidade Aracy I e II e, para atingir outros espaços da cidade, tem-se que subir o declive. Essa peculiaridade espacial do lugar é transposta para as falas cotidianas através da idéia de “subir”:

“Você não vai subir? O ônibus já tá lá no ponto, se você não correr perde, depois só tem outro daqui 40 minutos.”

### **Leninha**

E além de expressar a única forma de se sair da região Cidade Aracy, também significa atingir a cidade. “Sair do Aracy” é “subir pra cidade” e, nesse sentido, a cidade de São Carlos é simbolizada como sendo toda a região que não está nos limites do bairro e da vizinhança:

---

<sup>98</sup>A região Cidade Aracy se assemelha ao conceito de *mancha*, desenvolvido por Magnani (1992 e 2001). Segundo ao autor, *manchas* são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando uma atividade ou prática dominante” (MAGNANI, 2001: 18)

“Precisei subir. Fui na cidade, levar a menina no médico, toda semana tenho que fazer isso.”

**Patrícia**

Mas à medida que comecei a conhecer o bairro melhor, percebi que essa associação entre os demais bairros não pertencentes à região Aracy e a própria cidade de São Carlos não era fixa, pois quando os moradores queriam se referir, por uma razão qualquer, a algum bairro específico, costumavam dizer o nome do bairro:

“Minha mãe mora no Jockey (Club), vou visitar ela no domingo, porque é o único dia que eu tenho folga do serviço.”

**Jéssica**

Há situações, no entanto, em que a cidade é entendida como sendo a região central. É muito comum a expressão “ir na cidade” e, várias vezes que ouvi pensei que estivessem se referindo aos demais bairros de São Carlos. Só depois de alguns “foras”, entendi que estávamos falando de lugares distintos. O “ir na cidade” pode significar tanto ir a qualquer bairro de São Carlos, como ir ao centro da cidade. Uma das situações engraçadas que passei quando ainda não tinha percebido essa dupla possibilidade de se usar a palavra cidade foi numa conversa sobre os preços dos mercados do Antenor com Cícera. Perguntei se não eram mais caros e ela me respondeu

“É, às vezes na cidade é mais barato, mas tem que gastar para ir lá, então calculando, sai igual, muitas vezes não compensa.”

Uma hora depois a gente se encontrou no ônibus e ela me disse que estava indo ao centro, “ia pra cidade”. Só depois disso que entendi que no diálogo acima ela estava se referindo especificamente ao centro da cidade e não a qualquer bairro de São Carlos.

Esse “ir na cidade” não é muito comum entre os moradores do Antenor Garcia e geralmente ocorre em caso de “muita precisão mesmo”, isto muitas vezes pode ser entendido quando os recursos dos bairros próximos e com maior infra-estrutura não são suficientes para atenderem às suas demandas.<sup>99</sup> Uma das possíveis razões para essa pouca ida ao centro da cidade é a falta de dinheiro para pagar a passagem do ônibus, atualmente custando R\$ 1,70. Muitos moradores que trabalham em bairros distantes do Antenor Garcia fazem o percurso até o trabalho, ou a pé, ou com bicicletas, porque não podem pagar a passagem:

“Eu vou na cidade quando tenho que ir na Santa Casa, por causa do tratamento de saúde. Já tentei aqui na II (Aracy), mas não tem jeito, tem que ser lá mesmo.”

**Dona Florentina**

“Eu compro as coisas aqui mesmo porque, ou eu não tenho passe pra subir, ou não tenho com quem deixar as crianças”

**Cristina**

O fato de, algumas vezes, a região central ser nomeada como sendo toda a cidade, não impede que o termo centro também seja usado como referência. Nos discursos diários, os moradores, ora usam a palavra centro, ora recorrem à palavra cidade para se referirem aos demais bairros e à área central.

“Eu raramente vou lá no centro. Uma porque não tenho tempo e outro é o dinheiro para gastar lá, mal sobra pra comer. É muito difícil eu ir lá.”

**Fabiana**

As palavras centro e a palavra cidade nas conversas dos moradores muitas vezes são entendidas como sendo iguais, pois expressam um lugar a que se deve subir, ter acesso, o

---

<sup>99</sup> Isso não significa dizer que as idas ao centro não sejam motivadas também por outros fatores.

qual, muitas vezes, é dificultado por questões econômicas, pela distância e pelo tempo que se leva para chegar lá<sup>100</sup>. Mas se há dificuldades econômicas que dificultam sair do bairro, há também um elemento simbólico: “subir pra cidade” é também subir para os bairros em melhores condições físicas e econômicas e entrar em contato com “o povo da cidade”, entendido muitas vezes como sendo “os mais ricos” e os que discriminam o bairro.

“Se eu fosse rica, eu tava morando numa casa lá em cima, que nem a da minha prima. Ela mora num casão, porque ela é rica. Se eu fosse rica não morava numa casa que nem essa que eu moro.”

**Luana, 09 anos**

Considerando que o espaço urbano é apropriado de diferentes maneiras e por diferentes atores sociais, observa-se no quadro de representações apresentado, diferentes visões sobre o bairro Antenor Garcia. Enquanto para os moradores dos outros bairros, não há diferença entre os bairros da região Cidade Aracy, numa tendência a identifica-los como sendo “tudo Aracy”, a situação oposta também se verifica entre os moradores do Antenor Garcia: muitas vezes a cidade de São Carlos e a área central são concebidas como sendo a mesma coisa.

Também se para os moradores de outros bairros da cidade, o Antenor Garcia é considerado, juntamente com os bairros da região Cidade Aracy, um bairro de periferia, sendo definido como violento, pobre e perigoso, para as pessoas que moram, em especial as mães/donas de casa o bairro não é nada disso. Elas pensam o bairro em três momentos distintos, mas interligados: passado, presente e futuro. Nesse sentido, o bairro é visto em

---

<sup>100</sup> É importante saber que muitas vezes essa ida ao centro ou a qualquer bairro da cidade é feita ou a pé, ou de bicicleta. Pensando nesses termos, o centro da cidade (distante 45 minutos de ônibus) é um percurso longo e demorado.

constante melhora, fato que reforça a denúncia de discriminação contra o bairro. A situação de desigualdade de oportunidades é significada como sendo resultado de um processo de estigmatização que pode até já ter tido razão de existir, afinal o bairro já foi violento, mas que agora não se justifica. Ainda nesse sentido, há uma constante negativa em definir o bairro como sendo uma periferia, porque a visão que essas mulheres fazem de um bairro de periferia está pautada em uma distância: periferia é outro lugar, afastado, longe de suas vidas.

Mas se há uma forma própria de entender o que seria uma periferia, o mesmo se verifica quando analisamos a relação estabelecida com a área central e com a própria cidade de São Carlos. Embora os moradores do Antenor Garcia assumam o termo centro em suas falas para definir os bairros distantes, afastados de sua região de moradia, isso não significa que atribuem o mesmo significado à região central. Acredito que a relação estabelecida com o centro da cidade e, em certa medida, com os demais bairros de São Carlos, é de afastamento, o qual ocorre tanto por questões econômicas, como por questões simbólicas.

Em contrapartida, com a os bairros vizinhos, embora haja uma disputa no plano simbólico e político, os moradores do Antenor Garcia parecem estabelecer uma relação de centralidade, uma vez que constantemente recorrem aos “serviços” que os bairros Cidade Aracy I e II oferecem. Além disso, nesses bairros uma relação de familiaridade, afinal, está-se entre iguais. Afirmar isso não significa dizer que a região está isolada do restante da cidade, mas sim que os moradores estabelecem uma relação diferenciada com o espaço urbano.

Nesse sentido, embora o bairro apresente uma série de elementos que tradicionalmente estão vinculados à idéia de periferia, tais como a precariedade de acesso a equipamentos urbanos, o afastamento da área central e conseqüente dificuldade de acesso,

concentração da população com menor escolaridade e renda da cidade, estigma e violência, ao considerarmos as representações de seus moradores, não poderíamos considerá-lo como uma periferia do interior. Diante disso, resta a pergunta: afinal o Antenor é ou não é uma periferia? Mas, quais são os elementos que definem uma periferia?

### **“É tudo farinha do mesmo saco”?**

Ao longo do texto procurei explorar a questão da periferia em diferentes perspectivas por acreditar que se trata de um fenômeno complexo e, apesar da extensa bibliografia produzida, há muito ainda a se pensar.

Parece haver um consenso entre os vários estudiosos sobre o tema em definir a periferia como sendo o lugar na cidade marcado pela pobreza, afastamento geográfico da área central, pela precariedade das casas e de acesso aos equipamentos urbanos. Somam-se a esses, a ilegalidade dos terrenos e as irregularidades na implantação de loteamentos, resultados da ação da especulação imobiliária, combinada com o descaso do poder público. Dentro dessa concepção, o bairro Antenor Garcia é considerado como sendo uma periferia.

Numa dimensão cultural, as experiências de vida semelhantes vivenciadas nos locais de moradia permitiriam a formulação de uma referência básica para a constituição de uma identidade coletiva, de comportamentos e de uma produção cultural, tipicamente “de periferia”. Nesse sentido, foram priorizadas três esferas: no plano cultural, destacam-se as periferias e favelas como sendo o local do surgimento e da produção do samba, do movimento hip hop, do funk e, mais recentemente, da literatura marginal. Na esfera social, muitos estudos apontaram para uma tendência a organizações sociais centradas nos núcleos familiares e na lógica das relações de reciprocidade, atribuídas à vizinhança e ao parentesco. Já no plano político, destacam-se demandas específicas e um jeito próprio de lidar com a política. Os movimentos reivindicativos e as várias formas de organização da população também foram considerados.

Esses estudos, no entanto, delimitaram suas investigações nas áreas pobres das grandes cidades, com concentração do eixo Rio-São Paulo. Formou-se uma espécie de quadro sobre o que seria a periferia metropolitana. A periferia de cidade médias e de menor

porte, no entanto, praticamente ainda não foi estudada. É nesse sentido que considero a necessidade de se pensar em outros modelos de explicação para o fenômeno da periferia: é preciso pesquisar também a periferia de cidades médias/pequenas e de interior, as quais, por várias razões não podem ser entendidas como uma mera extensão das periferias das grandes cidades. Um exemplo disso são as características encontradas no Antenor Garcia. Longe de encontrar um tráfico de drogas altamente organizado, ou de presenciar bailes de rap, pude observar um outro tipo de sociabilidade e de percepção da realidade social. Pensando nesses termos, “periferia não é periferia em qualquer lugar” e é preciso abrir também os olhos para o que acontece em lugares distantes dos “grandes centros”.

Ao longo dos anos houve uma popularização do uso do termo e a questão da periferia ganhou espaço nos debates políticos, na mídia, noticiário e no imaginário social. Se nos anos 70 e 80 a discussão sobre “o que acontecia” nesses bairros pobres e afastados estava restrita aos limites da vizinhança e a alguns trabalhos acadêmicos, cada dia mais a periferia/favela, enquanto uma questão social, emergem no debate público<sup>101</sup>

Mas se a questão da periferia deixou de ser algo restrito ao meio acadêmico e possibilitou novos olhares sobre o tema<sup>102</sup>, a imagem que se formou no senso comum é basicamente pejorativa, pautada pela violência, criminalidade e pobreza. Há uma tendência, muito atual, em conceber as favelas e periferias como sendo um lugar ruim, onde imperam o medo e o tráfico de drogas: cenários onde se vive uma verdadeira guerra entre os bandidos e a polícia, estando os moradores no meio desse “fogo cruzado”, impotentes<sup>103</sup>.

---

<sup>101</sup> Um exemplo disso é a quantidade de filmes e seriados de tv produzidos no Brasil a partir do ano de 2000. Consultar página 87 deste trabalho.

<sup>102</sup> As pessoas envolvidas com o movimento Hip Hop, considerados “nativos”, têm produzido significativos trabalhos para a compreensão de outros aspectos da periferia. Ver *Falcão – meninos do tráfico*, documentário produzido pela CUFA.

<sup>103</sup> Um exemplo da predominância dessa visão é o filme *Cidade de Deus* (2002)



Ribeiro (2002) afirma que se no começo do século o cortiço foi identificado como sendo o foco da crise sanitária, por qual passavam as cidades no período republicano; atualmente, as periferias e favelas das grandes cidades são percebidas como o lócus da violência e da desordem social. A questão urbana de diferentes épocas, conclui o autor, é entendida de um modo semelhante e explicita uma tendência antiga das elites brasileiras em identificar a desordem urbana como proveniente dos espaços onde estão concentradas as camadas mais pobres da cidade (op. cit., p. 85).

Essa afirmação de Ribeiro chama atenção para a associação constante entre o problema da violência urbana e as periferias. Com o crescimento do crime e da insegurança nas grandes cidades, a “cultura do medo” está cada vez mais disseminada, fato que se observa tanto nas novas formas de segregação espacial e no crescente mercado da segurança particular, como na fala do crime<sup>104</sup> (CALDEIRA, 2000, p. 09). Nessa nova perspectiva, os lugares mais pobres da cidade são entendidos como sendo o ponto de origem da violência. Para Zaluar (1994) essa tendência sinaliza para a constante estigmatização dos pobres, trabalhadores ou não, e de seus locais de moradia: no Brasil de hoje, o espelho que se constrói é a associação direta entre pobreza e criminalidade e a periferia, sendo entendida como o lugar do pobre na cidade, passa a ser vista como um lugar perigoso. Caldeira chama a atenção para o aspecto dominante dessa criminalização simbólica: até as vítimas dos estereótipos acabam por reproduzir esses estigmas.

Segundo Guasco (2001) essa freqüente associação entre violência e exclusão social, presente tanto na mídia, quanto nos discursos dos rappers estudados pelo autor, acaba por

---

<sup>104</sup> A *fala do crime* consiste numa reorganização simbólica de um universo que foi perturbado, tanto pelo aumento do crime, quanto por uma série de processos que vêm afetando profundamente a sociedade brasileira nas últimas décadas (op. cit.). Essa “fala do crime constrói uma reordenação simbólica de mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos e, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal e criminaliza certas categorias sociais.” (op. cit., p. 10)

constituir um quadro geral da periferia, através do qual a própria idéia de periferia se generaliza. Essa generalização tem como conseqüência a perda do sentido original do termo, uma vez que a periferia deixa de ser uma referência espacial definida pela oposição em relação ao centro e passa a ser usada como uma categoria definida também por elementos valorativos.

Como não poderia deixar de ser, a categoria periferia, enquanto um termo elástico e não encerrado em si mesmo, assume vários significados, conforme o ponto de vista enfocado e o referencial adotado. O trabalho torna-se mais difícil à medida que a categoria é adotada, recebendo, conseqüentemente, significados diferentes, tanto pelos nativos, como pelo discurso oficial e acadêmico. Dentro dessa perspectiva, a palavra periferia, quando usada pelos rappers, refere-se menos a um lugar espacial que a um determinado meio social: os moradores pobres e negros que, dentre outras coisas, precisam enfrentar, no seu cotidiano, a miséria e a violência. É nesses termos que a afirmação do rapper Gog faz sentido: “periferia é periferia em todo lugar” porque as periferias, independentes de sua localização, são marcadas por uma realidade muito específica: são lugares pobres, violentos, com uma maioria de moradores negros, que enfrentam entre outras coisas, o preconceito por morarem na periferia e sérias dificuldades econômicas, advindas da baixa remuneração. Pensando a periferia por esses aspectos e analisando a situação do bairro Antenor Garcia, parece que somos forçados a admitir que estamos diante de uma periferia.

Mas mais do que a denúncia de condições sociais semelhantes, a periferia para os jovens ligados ao movimento hip hop é também uma categoria nativa, bastante elástica, pois seu uso depende do contexto. Para esses jovens ser da periferia é algo positivo, é algo pra se orgulhar e não negar, pois entre outras coisas, ser de periferia confere legitimidade

dentro do movimento hip hop. Essa valorização da periferia está ligada à valorização das características dos moradores: são vistos como verdadeiros guerreiros, pois conseguem viver “sobrevivendo no inferno”<sup>105</sup>. Essa idéia valorativa é uma importante referência identitária, pois permite a construção de um sentimento de igualdade e solidariedade entre os moradores de periferia, independente da cidade.

Mas, se para um grupo de moradores de lugares pobres e afastados do centro da cidade - os jovens ligados ao movimento hip hop - a periferia é concebida como algo positivo e se constitui como um importante elemento na construção da identidade, o mesmo não se observa entre as donas de casa do bairro Antenor Garcia. Para essas mulheres a periferia representa um lugar que elas não vivem e que não pretendem viver, pois associam à periferia a existência de uma violência exacerbada e uma realidade distinta da vivida por elas.

Quando deslocamos a análise dos elementos tradicionalmente usados para definir um local como sendo uma periferia – afastamento geográfico, pobreza, violência, tráfico de drogas, péssimas condições de infra-estrutura, concentração de pessoas mal remuneradas, entre outros – e passamos a considerar as representações que os moradores fazem de seu local de moradia, a definição do que seria uma periferia se torna bem mais flexível. Isso significa priorizar a periferia enquanto uma categoria de análise e não simplesmente como o local, o cenário onde as coisas acontecem, pois, com a crescente popularização do termo, atores sociais diferentes estão pensando a periferia, e de formas diferentes.

Admitir a presença de outros valores e atores sociais na composição da definição do termo periferia é importante porque permite estender sua definição para além de

---

<sup>105</sup> “Sobrevivendo no inferno” é o título de um cd do grupo de rap Racionais M’C e é uma referência ao cotidiano de dificuldades enfrentado nas favelas e periferias.

determinações rígidas, pautadas apenas em aspectos geográficos e de exclusão, e abrir a possibilidade de entendê-la como algo mais relativo.

Periferia, numa dimensão simbólica, pode tanto ser um elemento que define a identidade de um grupo social específico – os jovens ligados ao movimento hip hop – como um lugar ruim, do qual não se pertence, como no caso das moradoras do Antenor Garcia, ou qualquer outra coisa, depende do ponto de vista que se está considerando.

Reconhecer a possibilidade de existência de outros elementos na conceitualização do termo periferia não significa negar as semelhanças existentes nos vários locais pobres: é inegável que, em se tratando de condições sociais, as várias periferias são muito parecidas. Há diferenças, especificidades que estão muito mais num nível simbólico, demonstrando que mais do que um lugar de exclusão, a periferia é algo complexo e diverso.

## Referências

---

Para realizar este trabalho recorri a várias técnicas de investigação, pois assim que comecei a pesquisar, percebi que o tema era muito amplo e que, por isso mesmo, exigia uma análise que abarcasse várias fontes de conhecimento.

Desde já preciso afirmar que o conhecimento que tinha sobre uma periferia, até iniciar a pesquisa de campo no bairro Antenor Garcia, era apenas teórico, baseado em leituras de trabalhos acadêmicos sobre lugares que nunca havia visitado. Também pouco sabia sobre o *universo do pobre*, já que não tinha tido contato com a realidade de dificuldades econômicas enfrentadas nos locais de moradia e desconhecia os símbolos criados. Minha situação era outra: como estudante universitária, por mais que também sofresse dificuldades financeiras, estava inserida em outro meio social, bem distante do que pretendia estudar.

Priorizei como base da investigação a pesquisa etnográfica, por acreditar que o viés antropológico poderia me ajudar a entender melhor a visão que os moradores do Antenor Garcia faziam de seu bairro e, de certa forma, da própria cidade. Nesse sentido as leituras sobre o olhar relativista ajudaram –me a desprender, de algum modo, de minha própria concepção do bairro e do que eu imaginava ser uma periferia. Para uma reconstituição do processo de formação do bairro, realizei entrevistas com os moradores mais antigos do bairro, utilizando como métodos de análise textos sobre História Oral e Histórias de Vida.

No entanto, logo percebi que o tema suscitava uma série de questões, tais como a desigualdade econômica vivenciada, em diferentes graus, não só pelos moradores do Antenor Garcia, mas por moradores das muitas periferias e favelas do país. Interessada em entender esse processo, numa dimensão mais estrutural, recorri às análises sociológicas e

urbanistas para conhecer o processo de formação desses locais. De acordo com essa perspectiva, as periferias e favelas são consideradas resultados de um processo de segregação dos mais pobres da cidade, causado, em grande parte, pela especulação imobiliária e ausência de fiscalização do poder público.

Para compreender as diferenças entre favela e periferia, além da leitura dos trabalhos acadêmicos produzidos na área, recorri a outros materiais que pudessem me fornecer mais informações indiretas, uma vez que eu não tinha condições – pela limitação de um trabalho de mestrado – de conhecer pessoalmente uma favela ou periferia que não fosse o Antenor Garcia, a região periférica Cidade Aracy e o bairro Jardim Gonzaga, situados na cidade de São Carlos. Uma boa fonte de investigação foram alguns filmes produzidos no Brasil, cuja temática estão, de alguma forma, relacionada com algum desses locais. Atualmente, após, principalmente, o sucesso de público do filme *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meirelles, uma série de películas estão sendo produzidas sobre o universo da favela/periferia e são interessantes para entendermos, entre outras coisas, como são criadas as representações na mídia desses lugares.

Por fim, utilizei alguns livros de literatura que traziam questões relacionadas com o tema. A produção literária entre os moradores de favelas e periferias tem crescido consideravelmente nos últimos anos e, com temas voltados para o cotidiano vivenciado nos locais de moradia, traz importantes informações, de ordem subjetiva e objetiva, aos interessados em compreender melhor a questão da periferia.

## BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jonas Modesto de. *Política, economia e desenvolvimento urbano na cidade de São Carlos (1880 –1960)*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Sociais, USFCar, São Carlos, 2000.

ALMEIDA, Ronaldo. “A universalização do Reino de Deus”. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 44, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. & D’Andrea, Tiaraju. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 68, São Paulo, 2004.

ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.

\_\_\_\_\_. & ZALUAR, Alba. *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

ANDRADE, Thompson & LODDER, Celsius. *Sistema urbano e cidades médias no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1979.

ARCE, José Manuel. “Habitabilidade e Violência”, em *Vida de Barro Duro – Cultura Popular Juvenil e Grafite*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.

ATHAYDE, C. & MV BILL & SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

ÁVILA, Milene P. *Antenor Garcia: etnografia de uma periferia em São Carlos*. Departamento de Ciências Sociais – CECH/ UFSCar (monografia). São Carlos, 2003.

BILAC, Elisabete Dória. *Famílias de Trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo, Símbolo, 1978.

BÓGUS, Lúcia m. & RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org). *Cadernos metrópoles – desigualdade e governança*, nº 5, São Paulo, Educ, 2001.

BONDUKI, Nabil & ROLNIK, Raquel. Periferia da grande São Paulo. Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. In Ermínio Maricato (org), *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.

CALDEIRA, Tereza P. R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo, Edusp, 2000.

CARDOSO, Ruth C. L (org.). *A Aventura Antropológica*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. “Favela: conformismo e invenção”, em *Ensaio de Opinião*, vol. 5, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. “Sociedade e Poder: as representações dos favelados de São Paulo”, em *Ensaio de Opinião*, vol. 6, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

CARDOSO, R. & DURHAN, E. A Investigação Antropológica em Áreas Urbanas, em *Revista de Cultura Vozes*, vol. LXVII, n. 2, São Paulo, 1973.

CARNEIRO DA CUNHA, MANUELA "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível", em *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CASSEANO, Patrícia & DOMENICH, Mirella & ROCHA, Janaina. *Hip Hop: a Periferia Grita*. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2001.

CHAVES, Miguel. *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico. Marginalidade econômica e dominação simbólica em Lisboa*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1999.

DAVID, Elisabete. *Morar e viver no Selmi-Dei: conquista e apropriação do espaço na periferia de Araraquara*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia FCL/UNESP, Araraquara, 1993.

DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues”, em *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

DINIZ, Eli. *Voto e Máquina Política*, Rio de Janeiro, 1982.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo, Edusp, 1992.

DURHAM, Eunice R. *A caminho da Cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna, em *Ensaio de Opinião*, vol. 5, Rio de Janeiro, 1977.

\_\_\_\_\_. A Família Operária: Consciência e Ideologia, em *Dados*, Revista de Ciências Sociais vol. 23, n.2, São Paulo, 1980.



\_\_\_\_\_. A Sociedade Vista da Periferia, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 1, n.1, Rio de Janeiro, 1986.

DURKHEIM, Émile "Representações Individuais e Representações Coletivas", em *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro, Ed. Forense - Universitária, 2ª edição.

FAZANO, Cinthia B. *Proposta de Zoneamento Ambiental: Estudo de caso – Bairro Cidade Aracy, São Carlos/ SP*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação Engenharia Civil / UFSCar, São Carlos, 2001.

FONSECA, Cláudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo, Editora Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. *Família, Fofoca e Honra - Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, Porto Alegre, Editora da Universidade UFRGS, 2000.

FORACCHI, Malialice M. “A noção de ‘participação- exclusão’ no estudo das populações marginais”, *Debate & Crítica*, n. 2, 1974.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.

\_\_\_\_\_. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 18, número 52, 2003, p 107-124.

GASPAR, Waldir José. *Análise do processo erosivo do loteamento social Antenor Garcia. Proposta para expansão do bairro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil/ UFSCar, São Carlos, 2000.

GONDON, Tania Risério d’Almeida. “Entre a memória e história: tempos múltiplos em um discurso a muitas vozes” , *Projeto História*, nº 22, São Paulo, junho, 2001.

GRYNSZPAN, Mario & PANDOLFI, Dulce. “Poder público e favelas: uma relação delicada”, em Lúcia Lippi Oliveira (org.), *Cidade: História e Desafios*, Rio de Janeiro, Editora FGV/CNPq, 2002.

GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado)-Departamento de Antropologia, FFLCH/USP-USP, São Paulo, 2001.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cenário a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da Política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

LAGO, Luciana C. O. “O que há de novo na clássica Núcleo – Periferia: a Metrópole do Rio de Janeiro”, em RIBEIRO (org), *O Futuro das Metrópoles: Desigualdades e Governabilidade*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2000.

\_\_\_\_\_. & RIBEIRO, L. C.Q. *A oposição Favela-Bairro no espaço social do Rio de Janeiro*, em Revista São Paulo em Perspectiva, vol. 15, nº 1, 2001.

LAVANDEIRA, Lucélia M. Lot. *Apreensão da diversidade urbana – análise comparativa da morfologia e do uso do espaço público de dois fragmentos na cidade de São Carlos – SP*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação Engenharia Civil / UFSCar, São Carlos, 1999.

LEEDS, Elizabeth. “Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local”, em ALVITO & ZALUAR (org) *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

LEIRNER, Piero C. *Hierarquia e Individualismo em Louis Dumont*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude *As Estruturas Elementares do Parentesco*. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1982.

MACEDO, Carmem Cinira. *A reprodução da desigualdade: o projeto familiar de um grupo operário*. São Paulo, Hucitec, 1979.

MAFRA, Clara. “Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência”, em ALVITO & ZALUAR (org) *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. & TORRES, Lilian L. (org). *Da metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

\_\_\_\_\_. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana", *artigo baseado na comunicação apresentada no I Ciclo de Seminários do Centro de Estudos da Metrópole, Cebrap*, São Paulo, 2001 e no *Relatório "Os caminhos da metrópole"*, CNPq, 2001.

MALINOWSKI, B. "Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa", em *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia*. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 2ª edição.

MARCIER, Maria H. & OLIVEIRA, Jane O. “A palavra é: favela”, em *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

- MARICATO, Ermínia (org). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1982.
- MARINS, Paulo C. G.. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”, in Nicolau Sevcenko (org), *História da vida privada no Brasil*, vol 3, São Paulo, Cia das Letras, 1998.
- MARQUES, Fabrício. “Onde mora o perigo”, em revista *Pesquisa Fapesp*, nº 104, outubro de 2004.
- MARTINS, José de S. *Subúrbio (Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da república Velha)*. Editora Hucitel/ Prefeitura São Caetanodo Sul (SP), 1992.
- MENEZES, Marilda Ap. de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. João Pessoa, Editora UFPB, 2002.
- MONTES, Maria Lúcia. *Lazer e Ideologia: A representação do Social e do Político na cultura popular*. São Paulo: Tese (Doutorado)- USP, 1983.
- OLIVEN, Ruben. “A antropologia e a cultura brasileira”, em *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, nº 27, Rio de Janeiro, Vértice, 1989.
- PAOLI, Maria Célia. *A violência brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- PERALVA, Angelina. *Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo, Paz e Terra, 1982
- PERLMAN, Janice E. *O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- POIRIER, Jean & CLAPIER-VALLADON, Simone & RAYBAUT, Paul. “Problemas de método”, em *Histórias de Vida- Teoria e prática*, trad João Quintela, São Paulo, Celta editora, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. “História oral como gênero”, em *Projeto História*, nº 22, São Paulo, junho, 2001
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. “Cidade desigual ou cidade partido? Tendências da metrópole do Rio de Janeiro, em *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. São Paulo, Revan, 2000.
- \_\_\_\_\_. “A cidade, as classe e a política: uma nova questão urbana brasileira?”, em Lúcia Lippi Oliveira (org.), *Cidade: História e Desafios*, Rio de Janeiro, Editora FGV/CNPq, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, *Bairros rurais paulistas*. São Paulo, Duas Cidades, 1973.

\_\_\_\_\_. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”, em, Olga de Moraes Von Simson (org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo, São Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a Lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*. São Paulo, Fapesp / Studio Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. “É possível uma política urbana contra a exclusão?”, em *Revista Serviço Social e Sociedade*, vol. 72, ano XXIII, 2002.

ROBERTS, Ana Mércia Silva. “Cidadania Interditada”. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia – IFCH/ UNICAMP. Campinas, 2002.

SARTI, Cynthia A. *É sina que a gente traz: ser mulher na periferia urbana*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, FFLCH/USP. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 2 ed. rev. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. “A continuidade do ‘problema favela’”, em Lúcia Lippi Oliveira (org.), *Cidade: História e Desafios*, Rio de Janeiro, Editora FGV/CNPq, 2002.

VALLADARES, Lícia. *Passa-se uma casa – Análise do Programa de Remoção de Favelas do rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

\_\_\_\_\_. (org) *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

\_\_\_\_\_. *A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais*, em *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 44. São Paulo, 2000.

VELHO, Gilberto. “Projeto, emoção e Orientação em Sociedades Complexas”, em *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1981.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

WACQUANT, Loic. D. “Três premissas no estudo do gueto norte-americano”, em *Mana*, vol. 2, nº 2, 1996.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2002.

WOORTMAN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.

ZALUAR, Alba. “Sobre a lógica do catolicismo popular”, em *Dados*, nº 11, 1973.

\_\_\_\_\_. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro, Revan: Ed. UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. “Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização”, em *São Paulo em Perspectiva*, vol. 13, nº 3. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Integração Perversa: Pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

## **OUTRAS FONTES**

### **Artigos Jornais**

Jornal *Primeira Página*, São Carlos, 15, 16 e 17/ 01/2006.

BIANCHI, Juliana. “Dos livros de enfeite aos mimos culturais”, Jornal *O Estado de São Paulo*, 12/06/2005.

BUARQUE, Daniel. “Exclusão Cordial”, Caderno Mais, Jornal *Folha de São Paulo*, 13/11/2005.

DIAS, Edney Cielici. “A restrita ilha cultural da Grande São Paulo”, Jornal *O Estado de São Paulo*, 12/06/2005.

MARTINS, José de Souza. “A periferia, uma São Paulo diferente”, *Jornal da USP*, 16 a 22/11/1992.

SLAVOJIZEK. “O novo eixo da luta de classes”, Caderno Mais, Jornal *Folha de São Paulo*, 05/09/2004.

## **Documentários**

ATHAYDE, Celso & MV BILL. *Falcão - meninos do tráfico*. CUFA, 58 min, cor, 35 mm, 2006.

CALDAS, Paulo & LUNA, Marcelo. *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*. Brasi, 75 min, cor, 35mm, 2000.

COUTINHO, Eduardo. *Babilônia 2000*. Brasil, 90 min, cor, 35 mm, 2001.

\_\_\_\_\_. *Santo Forte*. Brasil, 80 min, cor, 35 mm, 1999.

LUND, Kátia. & MOREIRA SALES, João. *Notícias de uma Guerra Particular*, Brasil, 2001.

PADILHA, José. *Ônibus 174*. Brasil, 133 min, cor, 35 mm, 2002.

## **Filmes**

ASSIS, Cláudio. *Amarelo Manga*. Brasil, 100 min, cor, 35 mm, 2003.

BIANCHI, Sérgio. *Cronicamente Inviável*. Brasil, 101 min, cor, 35 mm, 2000.

\_\_\_\_\_. *Quanto vale ou é por quilo?* Brasil, 110 min, cor, 35 mm, 2003.

MACHADO, Sérgio. *Cidade Baixa*. Brasil, 93 min, cor, 35 mm, 2005.

MEIRELES, FERNANDO. *Cidade de Deus*. Brasil, 135 min, cor, 35 mm, 2002.

MOREIRA, Roberto. *Contra todos*. Brasil, 95 min, cor, 35 mm, 2004.

TORRES, Cláudio. *O Redentor*. Brasil, 95 min, cor, 35 mm, 2004.

RATTON, Helvecio. *Uma onda no ar*. Brasil, 92 min., cor, 35 mm, 2002

SANTOS, Nelson Pereira. Rio 40 graus. Brasil, 97 mim, preto e branco, 35 mm, 1955.

## **Literatura**

AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo, Editora Moderna, 2004.

FERRÉZ, *Capão Pecado*. São Paulo, Labor texto Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. (org). *Literatura Marginal – Talentos da Escrita Periférica*. São Paulo, Editora Agir, 2005.

HOLLANDA, C.B. & PONTES, P. *Gota d'água*. São Paulo, Círculo do Livro, 1975.

JESUS, C. M. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1960.

\_\_\_\_\_. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus* São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

MELLO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

## **Revistas**

“Classes Perigosas”, *Revista Trabalhadores*, publicação da Associação Cultural do Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP/IFCH, 1990, Campinas/SP.

“Proteja-se”, *Revista Êxito*, nº 44, agosto/setembro, 2004, Araraquara/SP.

*Revista Literatura Marginal*, ato I, edição especial Revista Caros Amigos, editora Casa Amarela, agosto de 1998, São Paulo / SP.

*Revista Literatura Marginal*, ato II, edição especial Revista Caros Amigos, editora casa Amarela, junho de 2002, São Paulo/ SP.

*Revista Literatura Marginal*, ato III, edição especial Revista Caros Amigos, editora casa Amarela, abril de 2004, São Paulo/SP.

PADILHA, Ivan. “Favela Globalizada”, *Revista Época*, nº 339, 15 de novembro de 2004.

“Retratos da Exclusão”, *Revista Primeira Impressão*, publicação do Curso de Jornalismo da Unisinos, nº 14, maio/junho de 2001, São Leopoldo/RS.

“A memória das favelas”, Comunicações do ISER, nº 59, ano 23, 2004.

### **Seriados de televisão**

*“Cidade dos Homens”, Rede Globo, direção Fernando Meirelles, Regina Casé, Adriano Goldman, Roberto Moreira, Paulo Morelli. Produção O2 filmes e Central Globo de Produções, Rio de Janeiro, 2002, 2003, 2004 e 2005.*

*“Turma do Gueto”, Rede Record, direção geral Pedro Siaretta, Casablanca produção, São Paulo, 2002.*

### **Sites internet**

Central Única das Favelas - [www.cufa.com.br](http://www.cufa.com.br)

Rádio Favela, da cidade de Belo Horizonte - [www.radiofavelafm.com.br](http://www.radiofavelafm.com.br)

Histórico das favelas da cidade do Rio de Janeiro - [www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br)

Informações sobre as favelas da cidade do Rio de Janeiro - [www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br)

Pastoral da Criança – [www.pastoraldacrianca.org.br](http://www.pastoraldacrianca.org.br)

Turma do Gueto – [www.turmadogueto.com.br](http://www.turmadogueto.com.br)



---

## Poesias dos moradores do Antenor Garcia

“Senhores eu peço licença  
Também peço desculpá  
Aqui na Alta Sociedade  
Minha pouca habilidade  
Para esta história contar  
Que sucedeu comigo nesta cidade

Um pobre homem coitado  
No meu viver pobrezim  
Além de eu ter 4 filhos  
Eu tenho um pequenininho  
Se chama Evandro  
E eu lhe trato de Vandinho

Mandei ensinar o Vandinho  
A ler, escrever e contar  
Com apenas 8 anos

*Ele nem sabe falar*  
Mas é um dever muito sagrado  
Aos pais aos filhos ensinar

Ao sair pro meu trabalho  
Deixei a mulher amada  
Ao voltar de tardezinha  
Encontrei a casa triste  
Com suas portas fechadas

No drama triste da vida  
Desempenho o meu papel  
Aqueles portas fechadas

E eu jogado assim ao léu  
Mas quando acabar a minha vida  
E o meu destino cruel

Eu só peço a Deus que não fêche  
pra mim a porta do céu”

**Francisco de Assis de Oliveira (Mineiro), 54**  
anos de idade.

**F**rancamente eu vejo agora  
quanto devo a ti Senhor

**R**elicário de minha vida  
Tu, tens por mim meu Senhor

**A**s angústia do passado  
Não quero mais nem recordar.

**N**ada vejo do passado  
que me vem me alegrar

**C**rendo em ti de agora em diante  
confiando em teu amor

**I**mpondo sempre o teu Nome  
Este nome tem valor

**S**abedor do Poder  
eu só tenho que vencer

**C**ada hora que se passa  
só farei o teu querer

**O**s meus dias estão contados  
a tua vinda aqui também  
pois, eu sei que vou morar  
lá na Nova Jerusalém

**Francisco de Assis de Oliveira (Mineiro)**

”Quando a brisa do amor  
voa no ar e contamina  
as paixões e os sonhos se realizam  
e o gelo do coração se quebra  
E o mundo volta a cantar  
E os caminhos começam a abrir  
E encarar de frente e sair do  
Caminho fechado e viver outra  
Fonte de vida.”

**Jaberson, o Guiga, 9 anos**

**Fotos do bairro e  
de alguns moradores**



Dona Maria, mais conhecida como Vó, moradora da rua 6



“Rancho de índio” ou casa feita de artesanato. Casa de Sr. Francisco, o Mineiro, rua 6.



Jaberson (autor da poesia) e seu irmão, vizinhos de Mineiro, na rua 6



Mineiro, o poeta da dissertação, morador rua 06



Rua 03



Rua 02





Rua 04



Bar, rua 05